

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Cristiano Scotta

SE FOR PARA SE SENTIR MELHOR, CUSPA!
O enunciado como plataforma de questionamento.

Porto Alegre
2008

Cristiano Scotta

**SE FOR PARA SE SENTIR MELHOR, CUSPA!
O enunciado como plataforma de questionamento.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais, como requisito parcial para obtenção do diploma de bacharel em Artes Visuais – Habilitação em Escultura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Ivone dos Santos

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Hélio Custódio Ferverza (DAV – UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Elida Starosta Tessler (DAV – UFRGS)

Porto Alegre
2008



1. Batman

Entre 1988 e 1990

Caneta hidrográfica sobre papel

20 x 25 cm

Ao meu pai que me ensinou a desenhar carros, aviões e batmans (na época em que o mundo se resumia a isso para mim).¹

E à minha mãe que me ensinou praticamente todo o resto que não está incluído neste quesito “carro, avião e batman”.

¹ Não que meu pai não tenha me ensinado outras coisas, pelo contrário, aprendi muito com ele e aprendo até hoje. O motivo de não enfatizar outros aprendizados é o ciúme da mãe, que se considera na obrigação de ocupar sempre um estatuto maior que o pai na criação de seus filhos. Não que ela não tenha seus motivos para tal exigência, apenas quero enfatizar que independente do meu reconhecimento pela dedicação e relevância em minha educação, meu amor por ambos é o mesmo.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer aos meus pais, Jorge e Vivian (e seus respectivos companheiros, Cristiane e Erlen); irmãos, Viviane (e seu marido Toni e enteados Sharon e Matheus), Alexandre, Jéssica e Artur; sobrinhos, Gabriel e Lucas; dindos, Luís Antônio e Irenice (junto a sua família: Felipe, Daniela e Juliana); tios, William, Nara, Lilian, Jaime, Oscar, Iara, Eunice, Maria, Inês, Terezinha, Hélio, Zeca e Naira (e Joãozinho); primos, Rodrigo, Luciana, Fábio, Daniel, Dudley, Ingo, Lerói, Daiana, Liana, Élie, Melanie, Jéssie, Eduardo, Andrei, Raiane, Riuana, Lauriane e Iohan; avós Wanda, Eva e Ondina e bisá Benta (grande exemplo de alegria e motivo de orgulho a todos).

Aos amigos Rodrigo (e toda sua família), Caroline (o sol), Thiago, Denise, Mariana, Bolívar, Mazzoca, Janete (quem sabe no mestrado eu te use de referência?), Helena, Fernanda, Malaba, Luiza, Vivian, Néfer, Viviane, Nicolás, Diego, Elza, Mateus, Ana (junto a sua família: Felipe e Helena), Walter, André, Morgana e Mariana, Bruna, Jairo e Rafael e todos os colegas da faculdade que estiveram mais presentes em diferentes momentos e o Escambau.

A todos os meus professores, dos quais destaco Graziela, Mariela, Daniela e Maria Clara do Ensino Fundamental; Chico, Silvia e Rozendo do Ensino Médio;

E do ensino superior: Adriana (que se não fosse por ela, talvez eu nem tivesse continuado o curso), Rodrigo, Lenora, Mônica (só comecei a sentir que tinha alguma chance como artista depois da aula dela), Alexandre, Daniela, Márcia, Nico (ambos), Anico (Boniiiiito), Rogério (que me ajudou na confecção da jaula), Bruno, Ana, Adolfo, Flávio, entre outros.

A Maria Ivone, professora em duas disciplinas da escultura, e minha orientadora neste trabalho de conclusão de curso (por me ajudar tanto a refletir meu trabalho, com enorme paciência e atenção).

Aos membros da banca examinadora, Hélio e Élide que embora não tenham sido meus professores, são artistas pelos quais tenho grande admiração.

A outras pessoas que me apoiaram de alguma forma, como Solon e Laura no apoio aos estudos e incentivo a prestar o vestibular, a Antônio Augusto no auxílio para a prova específica e a Michel Zózimo pela atenção e ajuda, em diálogo na véspera da entrega deste trabalho escrito (apenas me arrependo de não ter entrado em contato anteriormente).

A Milena por seu enorme apoio, carinho e dedicação e a sua família: Marco, Celina, Monique (e Diego) e Tobi (mano), que me acolheram em sua casa como se fosse um membro da família.

Por final, aos meus cachorros, Caco e Pipa que me trazem muita alegria e tiveram que agüentar a barra de ficar sem passeio nas últimas semanas devido à conclusão deste trabalho de graduação.²

² Se esqueci alguém, milhões de desculpas. Considere que é um momento bastante corrido em minha vida (principalmente considerando que tenho o agradabilíssimo costume de deixar tudo pra última hora) e que minha memória nunca foi grande coisa mesmo.

LISTA DE FIGURAS

01. Batman , entre 1988 e 1990	03
02. Sem título , 1999	12
03. Sem título , 2001	13
04. Prateleira , 2002	14
05. Sem título , 2003	15
06. Sem título , 2003	16
07. Praga , 2004	17
08. Salvador Dalí , Swans Reflecting Elephants, 1937	18
09. Estudo de pé 1 , 2005	20
10. Estudo de pé 2 , 2006	21
11. Corpo Feminino 1 , 2006	22
12. Corpo Feminino 2 , 2006	23
13. Aramão , 2005	24
14. Arampé , 2005	25
15. Sem título , 2005	26
16. Sem título , 2005	27
17. Sem título , 2005	28
18. Escorpimão , 2005	29
19. Auto-retrato (detalhe) , 2006	30
20. Chinelo , 2006	31
21. Sem título , 2006	32
22. Sem título (Série Minha Casa) , 2007	33
23. Sem título (Série Visita ao Brique) , 2007	34
24. Pescador (Série Maldonado e Punta) , 2007	35
25. Bruce Nauman , Corridor Installation, 1970	39
26. Bruce Nauman , Pay Attention, 1973	40
27. Bruce Nauman , One Hundred Live And Die, 1984	41
28. Jenny Holzer , I Am Losing Time, 1996	42
29. Jenny Holzer , Non Lo Sopporto, 1996	43

30. Barbara Kruger, Sem título	
(If you´re so sucessful, why you feel like a fake?), 1987	44
31. Dario Robleto, Sairemos à Luz Dançando, 1997	44
32. Posso tomar um pouco do seu tempo?, 2008	46
33. Seja Milionário!, 2008	47
34. Se for para se sentir melhor, cuspa! (Proposta 1), 2008	48
35. Se for para se sentir melhor, cuspa! (Proposta 2), 2008	49
36. Se for para se sentir melhor, cuspa! (Proposta 3), 2008	50
37. Emagreça ficando pobre!, 2008	51
38. Você se considera uma pessoa assaltável?, 2008	52
39. Você se considera uma pessoa estuprável?, 2008	53
40. O termo "fumante mal-educado", por si só já não é redundante?, 2008	54
41. E o termo "fumante irresponsável"?	
E o termo "fumante inseqüente"?, 2008	55
42. Admita sua condição: Em dia de eleição, vá votar vestido de palhaço!, 2008	56
43. Jaula, 2007	57
44. Registro do Auto-teste do trabalho:	
Posso tomar um pouco do seu tempo?, 2007	58
45. Cartões do tempo tipo 1 (frente):	
Foram 5, 15, 30, 45 e 60 minutos, 2008	59
46. Cartões do tempo tipo 1 (verso): Imagine a vida inteira., 2008	60
47. Cartões do tempo tipo 2 (frente), 2008	61
48. Cartões do tempo tipo 2 (verso), 2008	61
49. Camiseta: Se for para se sentir melhor, cuspa!, 2008	62
50. Camiseta: Se for para se sentir melhor, cuspa!, 2008	62
51. Adesivo: Se for para se sentir melhor, cuspa!, 2008	63
52. Cheque de 1 milhão de reais (Seja Milionário!), 2008	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 A REPERCUSSÃO DA INCONFORMIDADE NA PRÁTICA ARTÍSTICA	10
2 O ENUNCIADO COMO PLATAFORMA DE QUESTIONAMENTO	37
CONCLUSÃO	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
ANEXO	77

INTRODUÇÃO

O trabalho que venho a desenvolver na conclusão do curso em artes visuais decorre de questões existenciais que foram levantadas ao longo de minha formação, tendo como ponto de partida os questionamentos que eu me fazia sobre a importância e repercussão da arte contemporânea na sociedade onde ela é produzida e para público a qual ela se destina. Que lugar ocupo neste meio? Como me insiro? Qual é o meu papel, minha importância e minhas intenções como artista? O que me move?

Nesta linha de raciocínio e questionamento, identifico-me com a opinião de Bruce Nauman:

“Eu sei que existem artistas que funcionam referindo-se à beleza – que procuram produzir belas coisas. Eles são inspirados pela beleza e é assim que eles entendem seu papel: levar ou produzir coisas belas para os outros. Não é assim que eu trabalho. Isto se deve em parte a uma idéia de beleza. O pôr do sol, as flores, as paisagens: este tipo de coisa não me incentiva a agir em nenhum sentido. Eu simplesmente tenho vontade de deixar isso de lado. Meu trabalho vem de minha frustração diante da condição humana. E diante da maneira como as pessoas recusam-se a se compreender. E diante da crueldade das pessoas umas com as outras. Não acredito que eu consiga mudar tudo isso, mas esta é uma parte muito frustrante da história humana.”³

Bruce Nauman evidencia aqui como seu mote para prática artística é a inconformidade e não a admiração. Assim como o é para George Orwell, onde um sentimento de injustiça encontra no fazer uma forma, o que o mesmo chama de experiência estética:

“O meu ponto de partida é sempre um sentimento de partilha, uma noção de injustiça. Quando me sento para escrever um livro, não digo para mim ‘vou produzir uma obra de arte’. Escrevo porque existe alguma mentira para ser denunciada, algum fato para o qual quero chamar atenção, e acredito sempre que vou encontrar quem me ouça. Mas não seria capaz de escrever um livro ou um longo artigo de revista se não existisse nisso também uma experiência estética.”⁴

³ NAUMAN, Bruce. Entrevistas. In: *Ação Educativa: Quinta Bienal do Mercosul: Caderno de Textos.: Curso de Formação de Mediadores*. Porto Alegre: [s. e.], 2005. p. 24.

⁴ ORWELL, George. 1984. 29ª Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003. Contra capa.

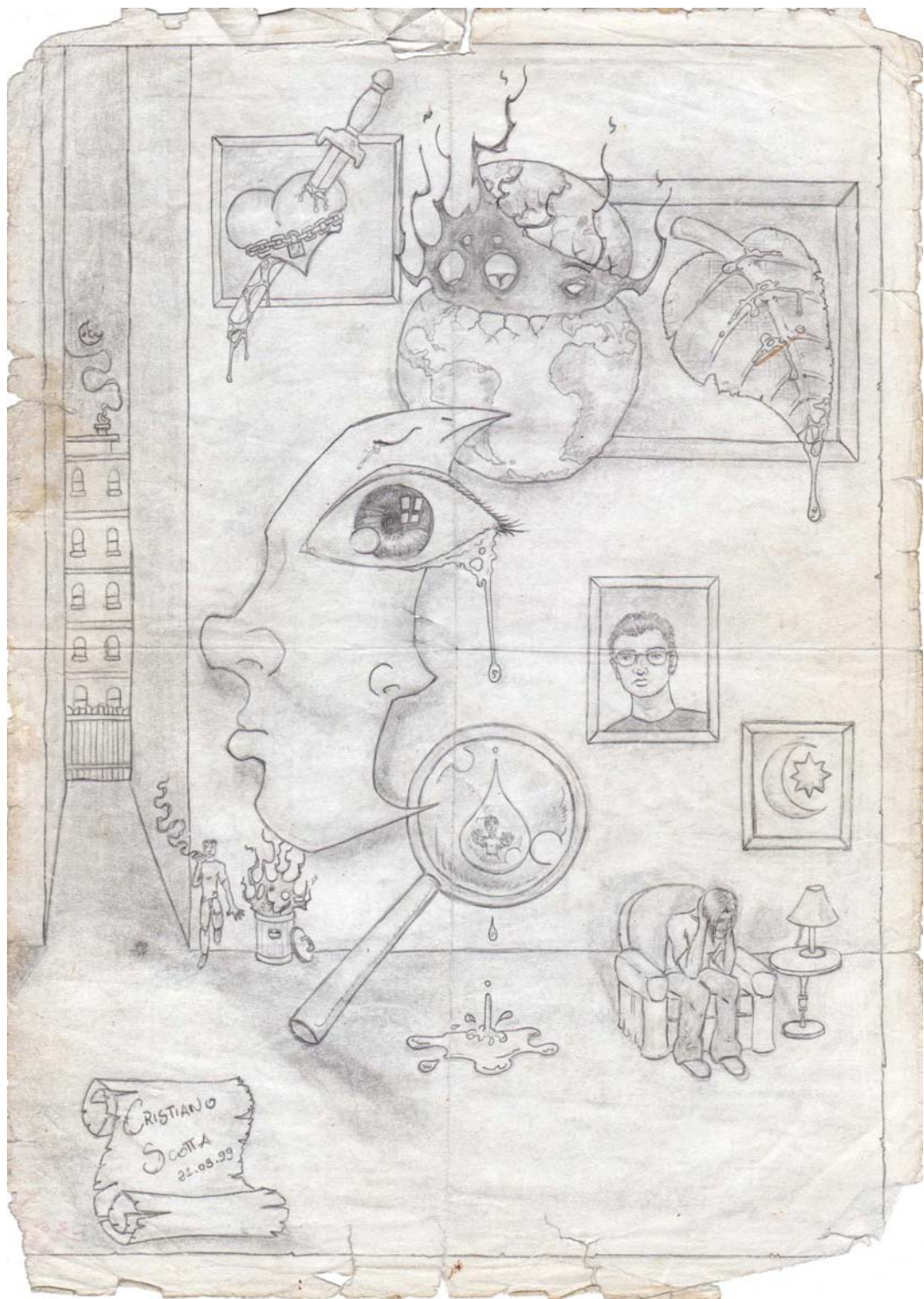
Nas páginas a seguir irei relatar alguns trabalhos desenvolvidos antes do meu ingresso na universidade e durante a graduação em artes visuais, fazendo uma relação entre as diferenças de cada etapa e citando os artistas que influenciaram diretamente esta mudança de motivação produtiva e de meio utilizado para realização dos trabalhos.

1 A REPERCUSSÃO DA INCONFORMIDADE NA PRÁTICA ARTÍSTICA

A entrada para o Instituto de artes foi bastante chocante para mim. Na época anterior ao meu ingresso na universidade, eu seguia uma linha de desenhos baseados em Salvador Dalí, René Magritte, Maurits Cornelis Escher e Hieronymus Bosch. A minha produção artística tinha, pelo menos para mim, um padrão, uma linguagem, inclusive nome: “surrealismo” (por mais que não sejam todos os artistas citados acima pertencentes a este movimento e desconhecendo totalmente o contexto histórico que permite que Dalí seja surrealista e eu não, independente do resultado plástico do meu trabalho). Na maior parte do tempo eu tentava apenas fazer jogos visuais, relacionando formas semelhantes encontrados em objetos distintos (à exemplo de Dalí) ou tentando criar ilusões de ótica (a exemplo de M. C. Escher). Ao entrar na universidade, logo no primeiro semestre eu passei por uma fase de desconstrução interna, o que começou com uma reflexão e descoberta de novos valores para o que viria a ser arte atualmente, se expandiu de tal maneira a atingir uma série de características que me fazem reconhecer-me no reflexo do espelho ao acordar pela manhã. Foi um semestre bastante difícil, perdi totalmente a vontade de produzir, fiquei apenas tentando encontrar a tal linguagem tão falada pelo professor, que eu não tinha (e ele me lembrava disso constantemente). Foi um processo de perda de ingenuidade mesmo (pelo menos parte dela), que vejo como acontecimento muito positivo para produzir algo que tenha alguma chance de ter alguma pertinência para a arte contemporânea e para manter o ego em patamares saudáveis (que poderia vir a se tornar ridiculamente alto se não fosse esse choque de realidade). Quanto à tal linguagem, não a encontrei. Até hoje não a encontrei e ainda não deixei de ver isto como um problema, mas já não me sinto totalmente impedido de produzir em sua ausência. Apenas mudou a relação entre planejamento e execução. Enquanto que antes eu produzia movido por vontades e emoções, refletindo pouco durante todo o processo, atualmente “penso, logo desisto”, como diz brincando Maria Ivone⁵ ao referir-se sobre o impasse no qual se encontram muitos estudantes de artes. Situação esta, com a qual me sinto totalmente identificado (algo em torno de 87% mental e 8% prático, onde os 5% restantes eu poderia atribuir ao acaso ou qualquer outro fator que fuja de meu conhecimento). O que acontece é que qualquer “genialidade” que a pessoa venha a pensar ter descoberto ou desenvolvido, se

⁵ Responsável pelas disciplinas de Laboratório da Linguagem tridimensional e Escultura II.

pesquisada, terá conhecimento que já foi descoberta, desenvolvida e serviu de influência para uma série de outras “genialidades” da qual essa pessoa nunca teria idéia de seu acontecimento. Enquanto o conhecimento serve para descartar as “genialidades ingênuas”, ele acaba por criar um abismo entre a vontade de produzir e a satisfação com o produto. E isso, em primeiro momento, resulta em imobilizar a prática artística. Nas próximas sete páginas mostrarei alguns desenhos feitos antes do meu ingresso na universidade e uma pintura de Salvador Dalí, minha principal influência na época.

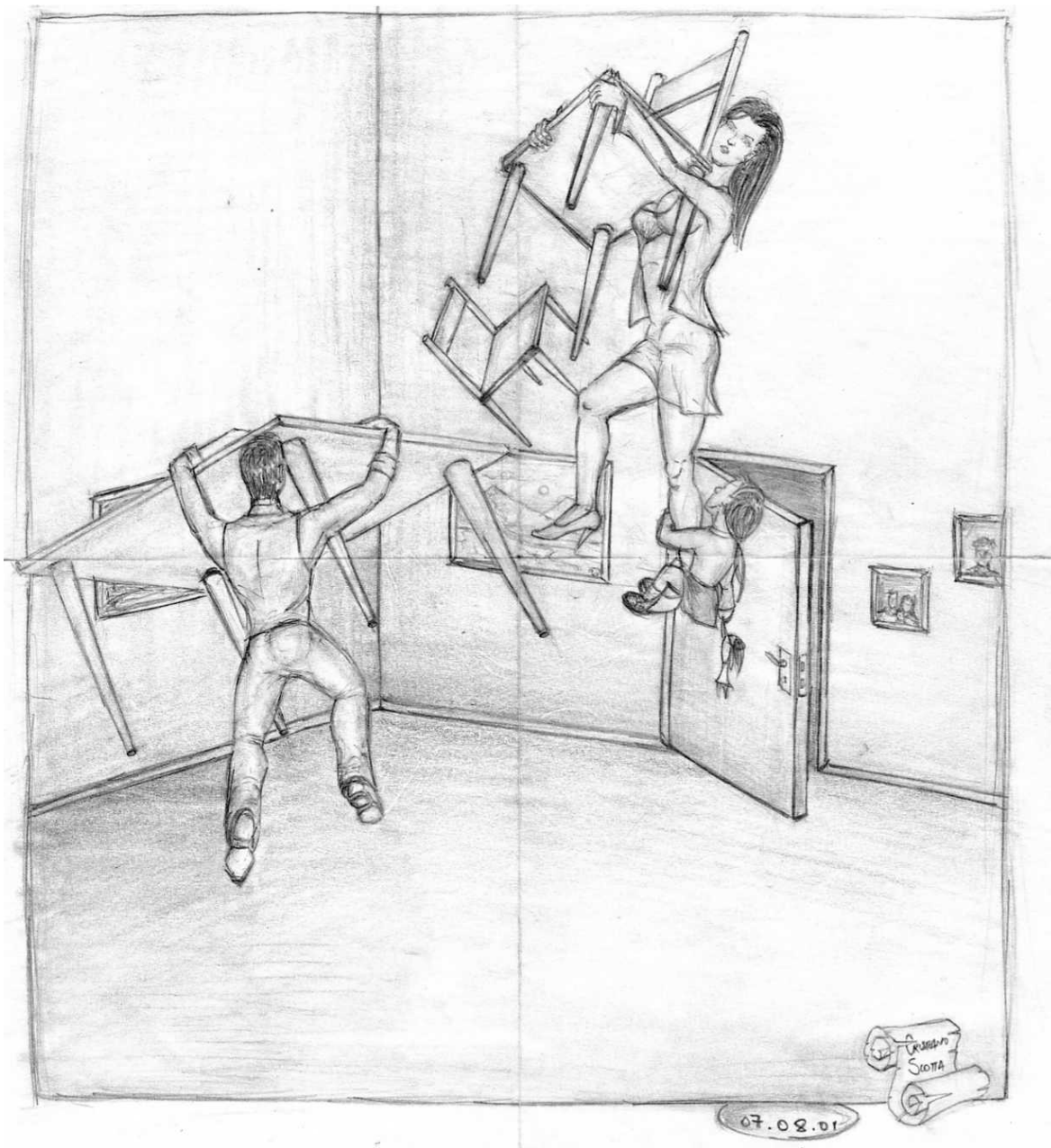


2. Sem título

1999

Grafite sobre papel

20 x 30 cm

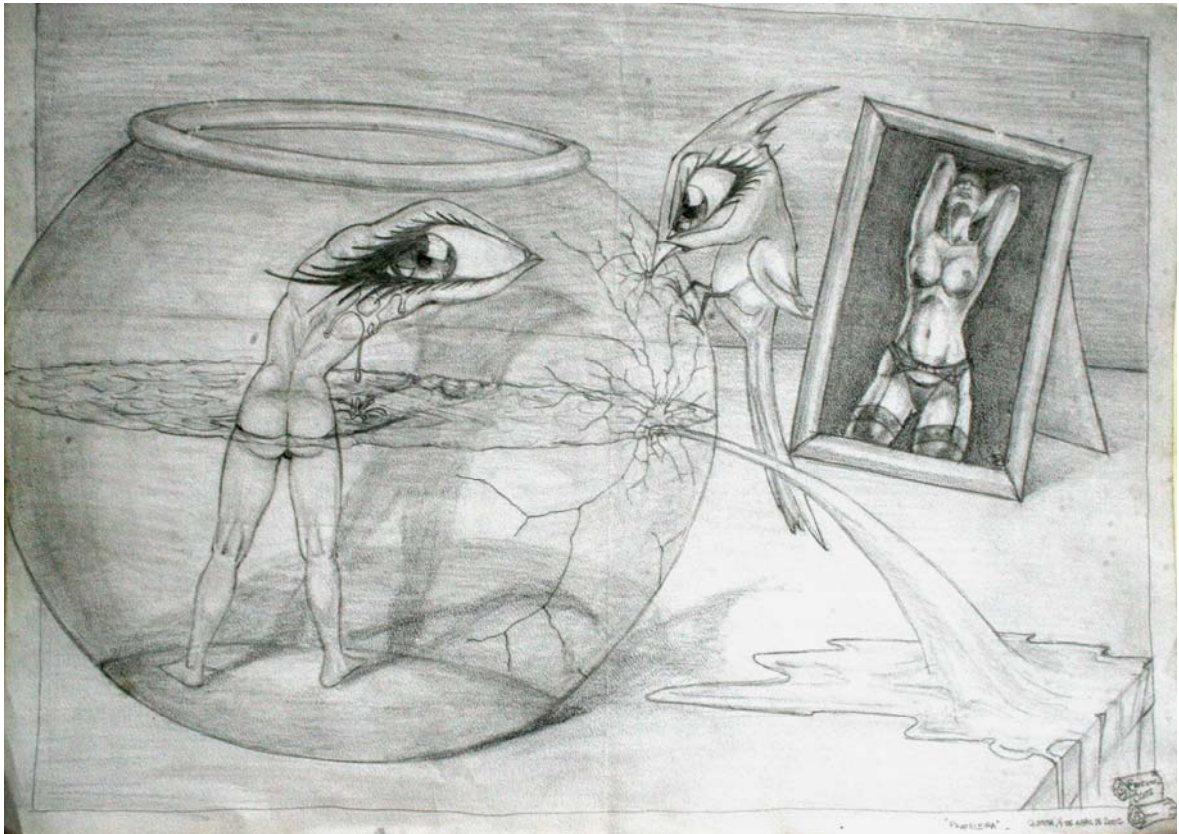


3. Sem título

2001

Grafite sobre papel

20 x 22 cm



4. Prateleira

2002

Grafite sobre papel

30 x 42 cm

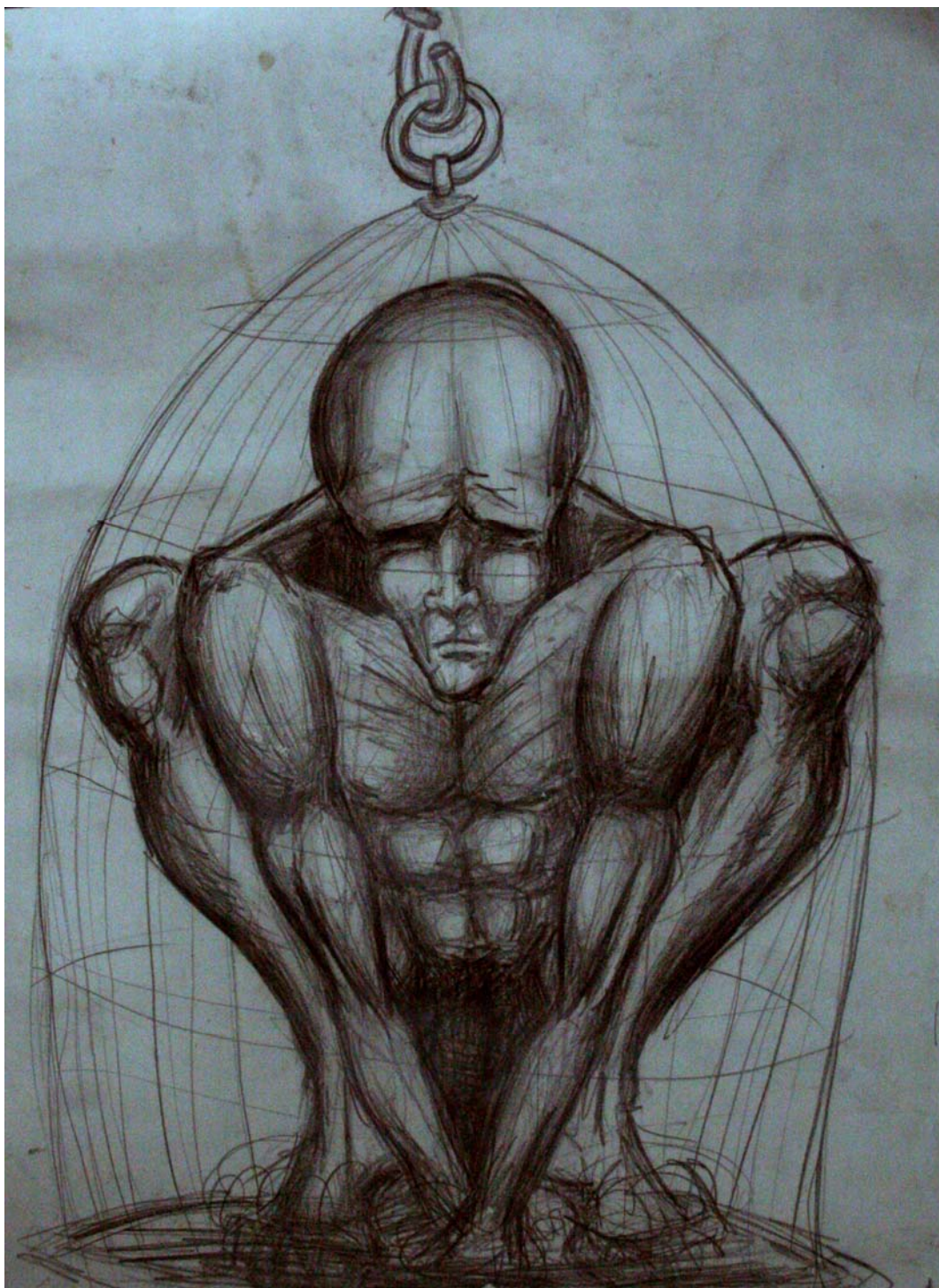


5. Sem título

2003

Grafite sobre papel

20 x 30 cm



6. Sem título

2003

Carvão sobre papel

40 x 60 cm



7. Praga

2004

Carvão sobre papel

60 x 80 cm



8. Salvador Dalí

Swans Reflecting Elephants

1937

Óleo sobre tela

No decorrer do curso, mesmo insatisfeito com a ausência de uma linguagem, busquei experimentar e refletir sobre todas as técnicas e “linguagens” que chegavam até mim de alguma forma. Fico imaginando agora, em conversa com o *Notorium Magnificus 132mg – Droga de Artista*, de Michel Zózimo, qual nome o mesmo daria para este mal, o mal da ausência de linguagem? qual seria o seu diagnóstico e seu remédio?

“Poderia haver um remédio para as mazelas da arte contemporânea? Supondo que a arte atual estivesse doente e que todos os envolvidos carregassem consigo síndromes, que produtos seriam desenvolvidos? Se assim fosse, de que maneira implementar um laboratório farmacêutico especializado em drogas para essas síndromes? Em que contexto inseri-las?

Nesse caso, se a hipótese fosse confirmada, os museus, as exposições, os artistas, os curadores e até mesmo o público da arte atual necessitariam de um remédio. Como todo medicamento, tal remédio teria seus efeitos colaterais e poderia causar dependências. Entretanto, em minha digressão eu pergunto – se essa droga fosse usada sob prescrição, a mesma poderia trazer benefícios à saúde da arte?

Caso existissem realmente remédios para a arte atual, como poderíamos mapear as síndromes ou os distúrbios alvos que estariam na base destes medicamentos? Exemplificando tal hipótese, a lista de distúrbios artísticos poderia ir da “Síndrome de Manzoni” ao “Mal de Guggenheim”.⁶

Sem diagnóstico preciso nem prescrição para meu mal, procurei a cura por meios alternativos, que vinham desde simples experimentos com técnicas nunca utilizadas por mim, até enormes revoltas internas com todo o sistema artístico e minha exclusão temporária a esse sistema. O tempo que eu conseguia manter-me alheio ao “sistema das artes” era pouco, parte por não ter trancado o curso em momento algum, obrigando-me a assistir as aulas, parte pela necessidade interna de solução de um fazer artístico que em outras épocas me fazia tanto bem. Durante o curso todo senti falta de aprofundamento técnico nas disciplinas, tanto na parte teórica quanto na parte prática. Obter grande fidelidade ao objeto retratado em um desenho de observação, me é tão difícil quanto discutir sobre história, teoria e crítica de arte ou expressar-me literalmente, a exemplo deste trabalho de conclusão de curso. Afinal, o que eu aprendi nesta graduação, além de que arte vai além de Salvador Dalí? A seguir mostrarei alguns exercícios e estudos desenvolvidos durante a graduação.

⁶ ROCHA, Michel Zózimo da. *Endemias ficcionais e o discurso da arte como vetores da prática artística*. Porto Alegre: [s. e.], 2008. pp. 54-55.



9. Estudo de pé 1

2005

Grafite sobre papel

20 x 30 cm



10. Estudo de pé 2

2006

Carvão sobre papel

20 x 30 cm



11. Corpo feminino 1

2006

Carvão sobre papel

20 x 30 cm

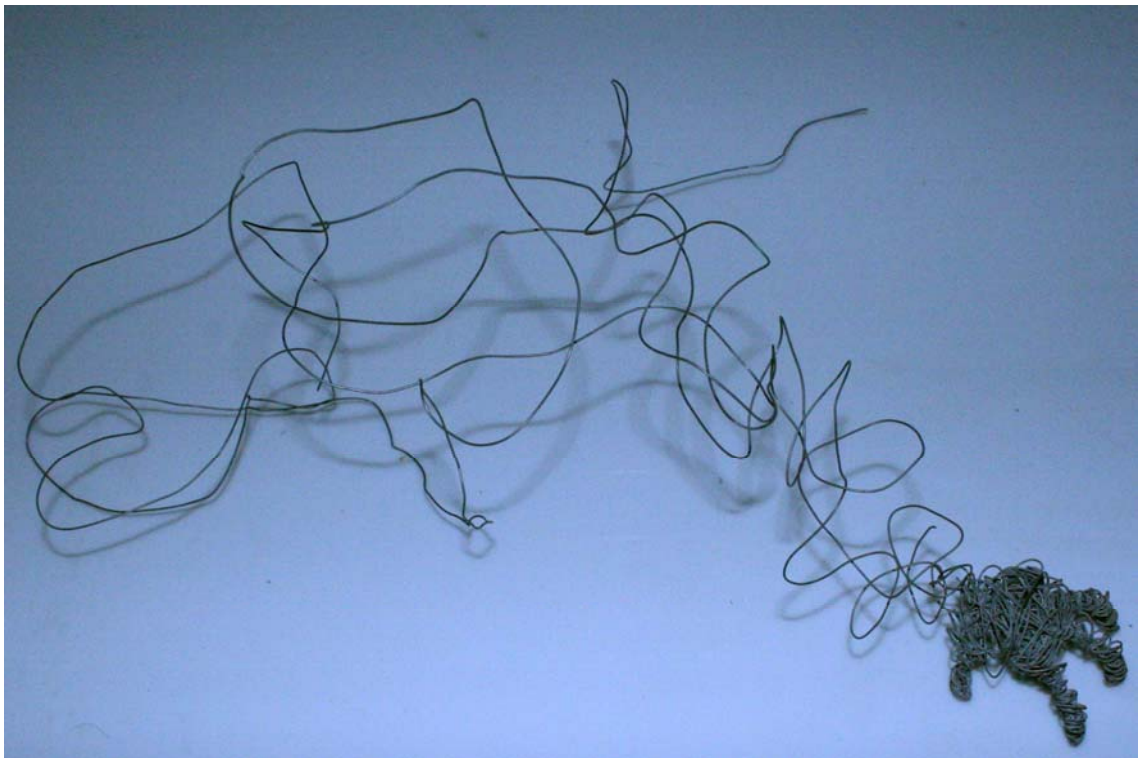


12. Corpo Feminino 2

2006

Carvão sobre papel

20 x 30 cm

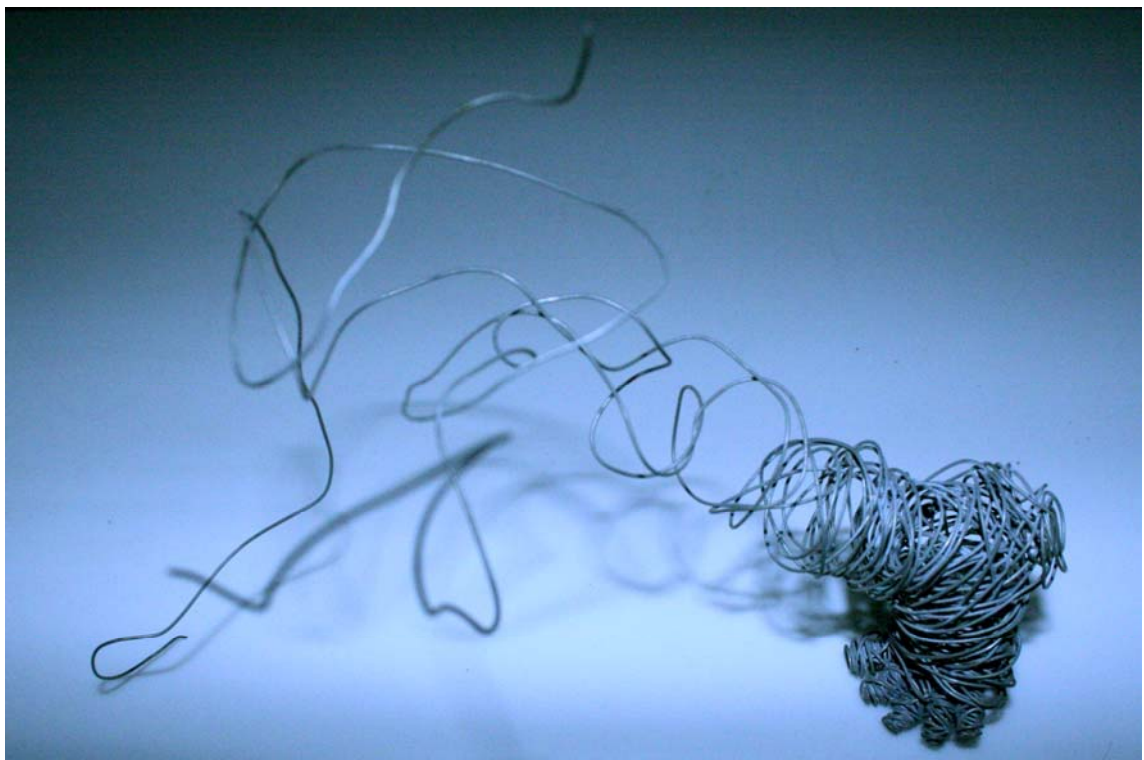


13. Aramão

2005

arame

30 x 15 x 15 cm aproximadamente

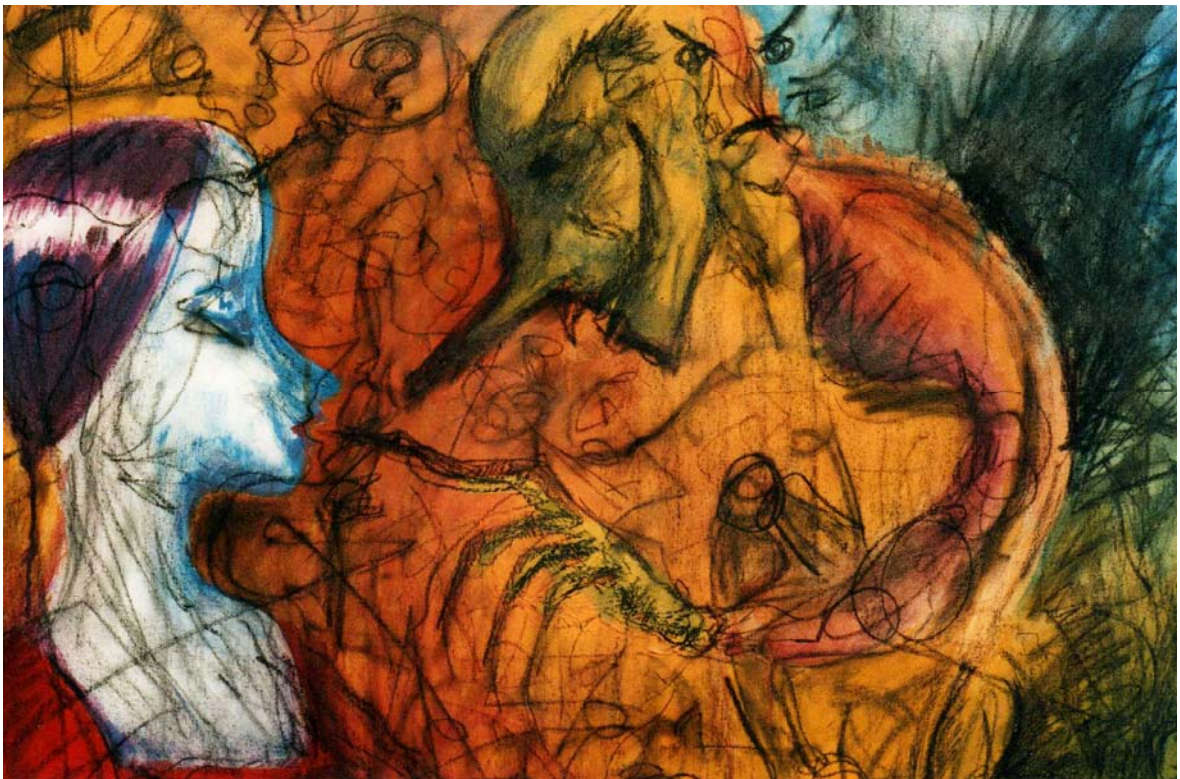


14. Arampé

2005

arame

20 x 10 x 15 cm aproximadamente

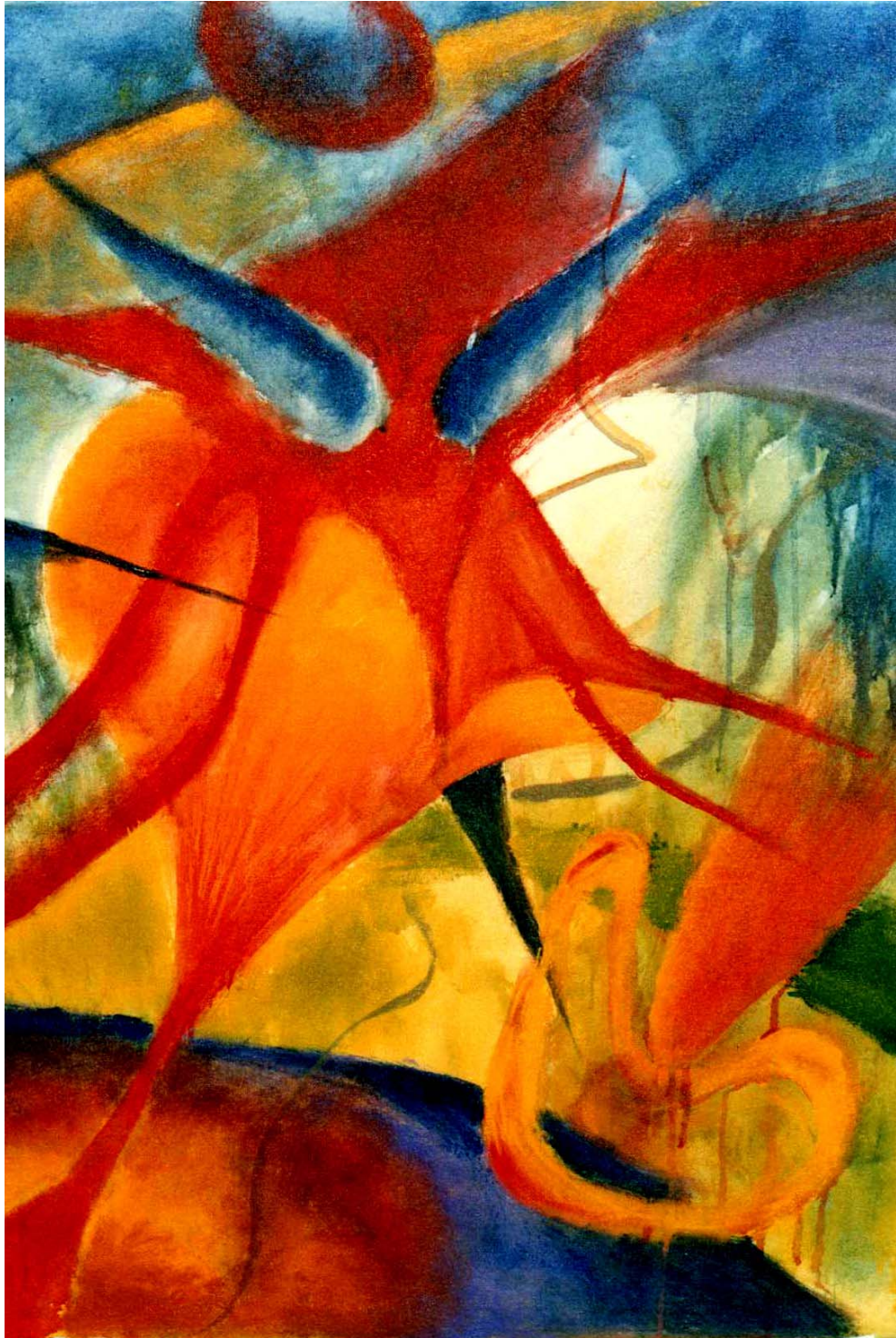


15. Sem título

2005

Carvão sobre acrílica sobre tela

70 x 90 cm



16. Sem título
2005
Acrílica sobre tela
70 x 90 cm

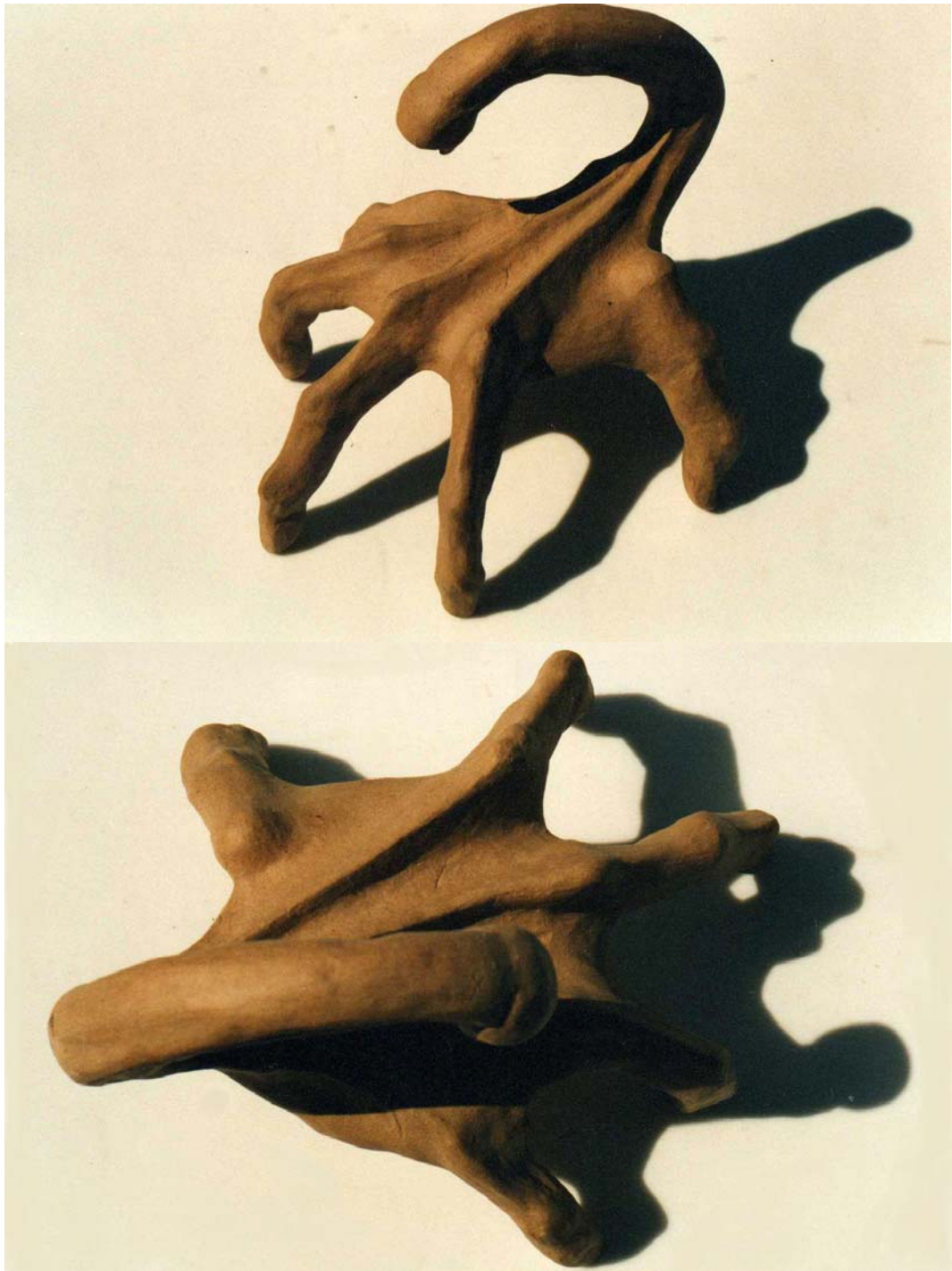


17. Sem título

2005

Cerâmica

13 x 12 x 14 cm



18. Escorpimão

2005

Cerâmica

30 x 25 x 25 cm

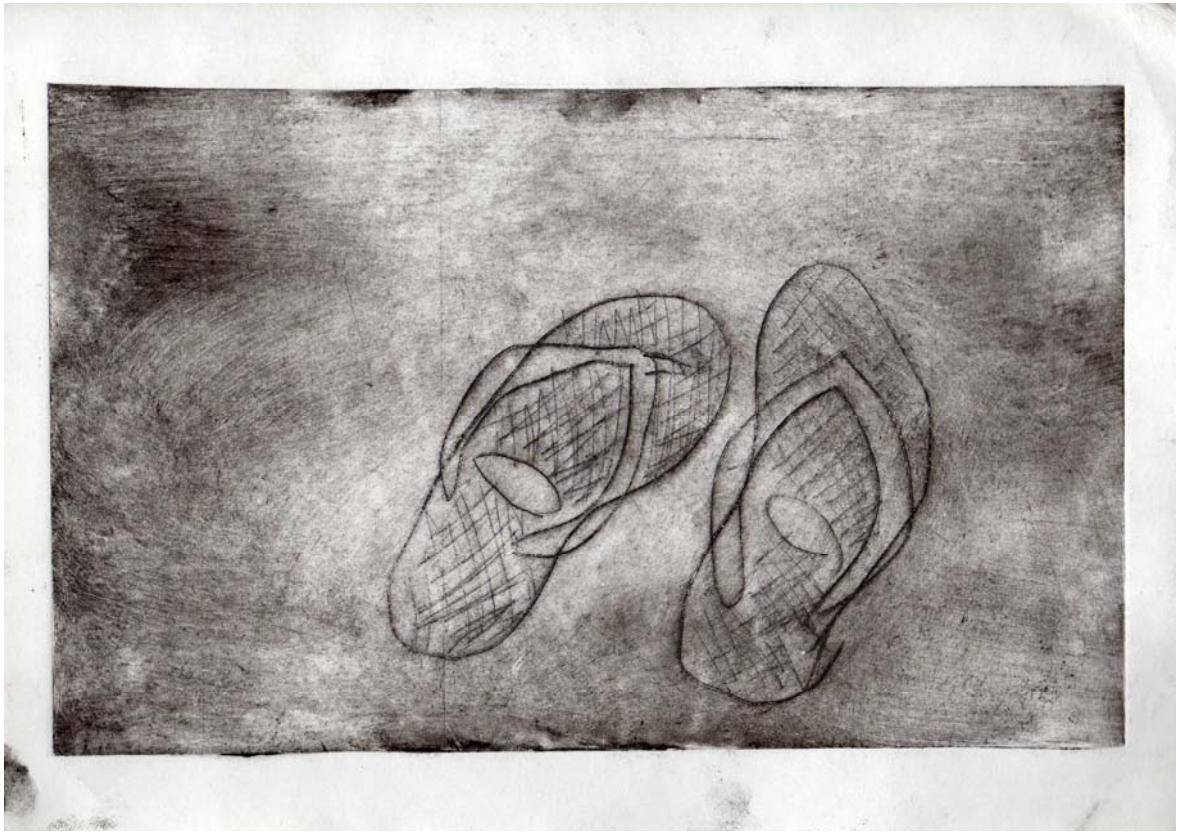


19. Auto-retrato (detalhe)

2006

Cerâmica

36 x 22 x 30 cm



20. Chinelo

2006

Ponta seca

10 x 15 cm



21. Sem título

2006

Ponta seca

20 x 20 cm



22. Sem título (Série Minha Casa)

2007

Fotografia digital

10 x 15 cm



23. Sem título (Série Visita ao Brique)

2007

Fotografia digital

10 x 15 cm



24. Pescador (Série Maldonado e Punta)

2007

Fotografia digital

10 x 15 cm

Claro que aprendi bastante coisa, seria desrespeito e ingratidão com os ótimos professores que tive ao longo do curso, dizer o contrário. No entanto, eu esperava mais. Este mais talvez devesse ter partido mais de mim, talvez essa necessidade e inconformidade devessem ter sido exteriorizadas mais vezes durante o curso, pois sempre que esta minha revolta transpassou meu controle e paciência, acabei aprendendo alguma coisa.

Mas independentemente da exteriorização de meus pensamentos, eu sempre os escrevi na agenda, bloco de anotações ou caderno de aula. Este meu processo de registro de pensamentos, idéias e compromissos, surgiu no ensino médio, em busca de resolver os problemas causados pela minha facilidade em esquecer horários, datas, nomes, entre outras informações. O resultado é que minha produção ao longo do curso acabou sendo mais textual, por mais que fossem simples e breves anotações de revoltas, idéias e reflexões. No entanto, estas anotações não eram realizadas com a intenção de se sustentarem como trabalho artístico, eram apenas anotações, que poderiam, no máximo, servir como ponto de partida para o desenvolvimento de algum projeto. No entanto, a execução de alguns projetos era bastante complicada, alguns por transitarem num caminho limite de infração e marginalidade. E não que o agir de maneira marginal seja algum fator de impedimento na prática artística (a exemplo de Cildo Meireles e Hélio Oiticica), ainda mais atualmente. Apenas não estava dentro da minha intenção de ação, nem a de criar ações muito impactantes e espetaculares (a exemplo de Chris Burden). E destas anotações decorre esta linha de trabalho em que as próprias anotações passam a ser utilizadas não como projeto, mas como sugestão de ação, onde a trabalho existe a partir da leitura do enunciado.

2 O ENUNCIADO COMO PLATAFORMA DE QUESTIONAMENTO

“De fato, a partir dos anos 60 os artistas utilizaram a linguagem na arte. Alguns dentre eles realizarão assim, partindo desta tentativa, uma passagem ao ato radical, criando obras literalmente invisíveis, transmitidas unicamente por um enunciado. Não é somente a primazia do visível nas artes plásticas que se encontra assim contestada. É também uma forma de arte ligada ao objeto, (e ao artesanato do artista, ligado à mão e ao seu saber fazer). A estética implicada por essa forma de arte do final dos anos 60 é uma estética contextual da ausência mais do que da presença.”⁷

Estas poéticas reflexivas que ocorrem não mais no espaço do sensível mas exigem do espectador um envolvimento de leitura tornam-se cada vez mais freqüentes a partir dos anos 60, como relata Jean-Michel Foray:

“Quando descrevemos a aparição massiva da linguagem na arte, nos Estados Unidos, e principalmente a partir de 1966, temos implicitamente que a linguagem é uma substância como uma outra, um meio, como seria a madeira ou o metal, dotado de uma qualidade suplementar que seria a de poder transmitir mensagens, e também de auto-reflexão da prática artística. Mas a linguagem não é uma substância. Ela é – temos que lembrar? – uma forma; quer dizer uma ausência, o espaço compreendido entre duas substâncias. E não tem, enquanto forma, nenhuma relação de pertinência com o real; um real que ela (linguagem) tenta pegar e prender. Mesmo se arte é ela mesma uma discussão com a linguagem, um meio que a linguagem inventa para se aproximar um pouco mais de uma realidade sempre fugida, o real não se confunde nunca com a arte (ou linguagem). E ainda mais, a obra de arte pode ser – como a literatura – um sistema que duplica (double) a linguagem e que se instala, mudo, no real, como um tipo de cavalo de Tróia o qual seria suficiente abrir a barriga para ver que dali escorre: tais soldados, uma multidão de discursos.

A distância que separa a linguagem da realidade substancial, a sua inadequação, é irredutível. É falta de se lembrar, e se lembrar que a linguagem pode ser, ao mesmo tempo, enunciado e enunciação – tornar-se língua, ser transitiva ou intransitiva, pois quando evocamos a Arte Conceitual estabelecemos geralmente uma confusão entre dois tipos de tomada da linguagem pelos artistas.

⁷ FORAY, Jean-Michel. *Artstudio n° 15, L'Art et les mots*, pp. 44-55. In: ROCHA, Michel Zózimo da. *Endemias ficcionais e o discurso da arte como vetores da prática artística*. Porto Alegre: [s. e.], 2008. p. 152
Leitura e tradução simultânea, por Maria Ivone dos Santos, gravada e transcrita por Michel Zózimo, Porto Alegre, Janeiro de 2008.

A linguagem foi pega – naquilo que nomeamos hoje de Arte Conceitual – seja como um *ready-made*, pela sua capacidade de substituir pedaços de texto existentes aos objetos e aos materiais tradicionais; seja como uma língua. No primeiro caso são as suas qualidades exóticas de escrito que são utilizadas; no segundo caso; os artistas escolhem utilizar a língua a fim de que a experiência estética não seja mais sujeitada exclusivamente à forma material do objeto de arte.”⁸

Entre os artistas que posso destacar como sendo fortes influências ou que simplesmente dialogam de alguma forma com esta linha de trabalho incluo: Bruce Nauman, Jenny Holzer, Barbara Kruger e Dario Robleto, como veremos a seguir.

⁸ FORAY, Jean-Michel. Artstudio nº 15, L’Art et les mots, pp. 44-55. In: ROCHA, Michel Zózimo da. *Endemias ficcionais e o discurso da arte como vetores da prática artística*. Porto Alegre: [s. e.], 2008. pp. 153-154.

Leitura e tradução simultânea, por Maria Ivone dos Santos, gravada e transcrita por Michel Zózimo, Porto Alegre, Janeiro de 2008.



25. Bruce Nauman

Corridor Installation (Nick Wilder Installation) (detalhe)

1970

Placas divisórias de paredes, 3 circuitos fechados de cameras filmadoras, 4 televisores preto-e-branco de 20 polegadas, aparelho videocassete, fita videocassete (preto-e-branco, silent)

304,8 x 121,9 x 609,6 cm

Cortesia do Artista



26. Bruce Nauman

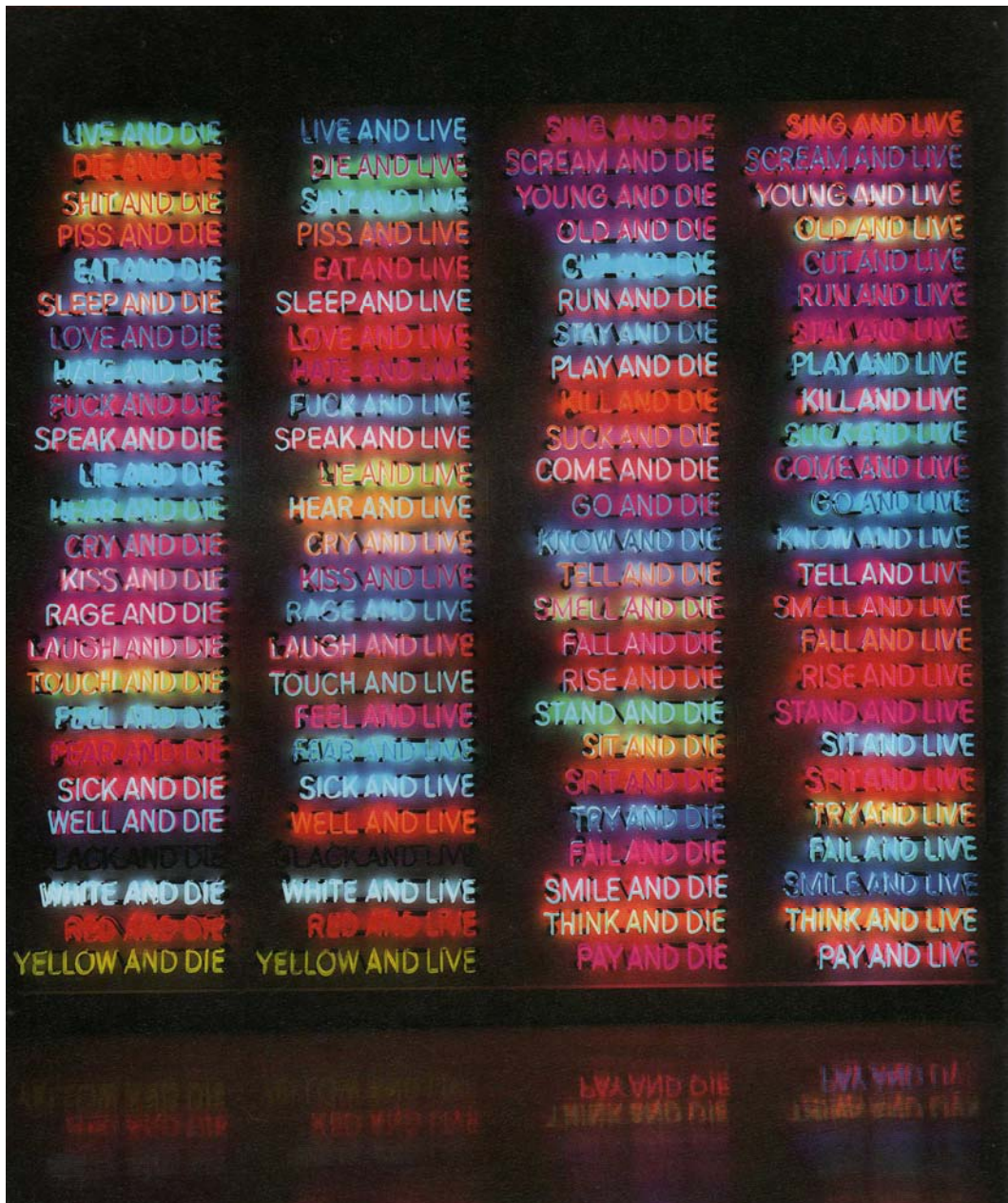
Pay Attention

1973

Litografia em papel Arjomari

97,2 x 71,8 cm

Publicado por Gemini G.E.L, Los Angeles, EUA



27. Bruce Nauman

One Hundred Live and Die

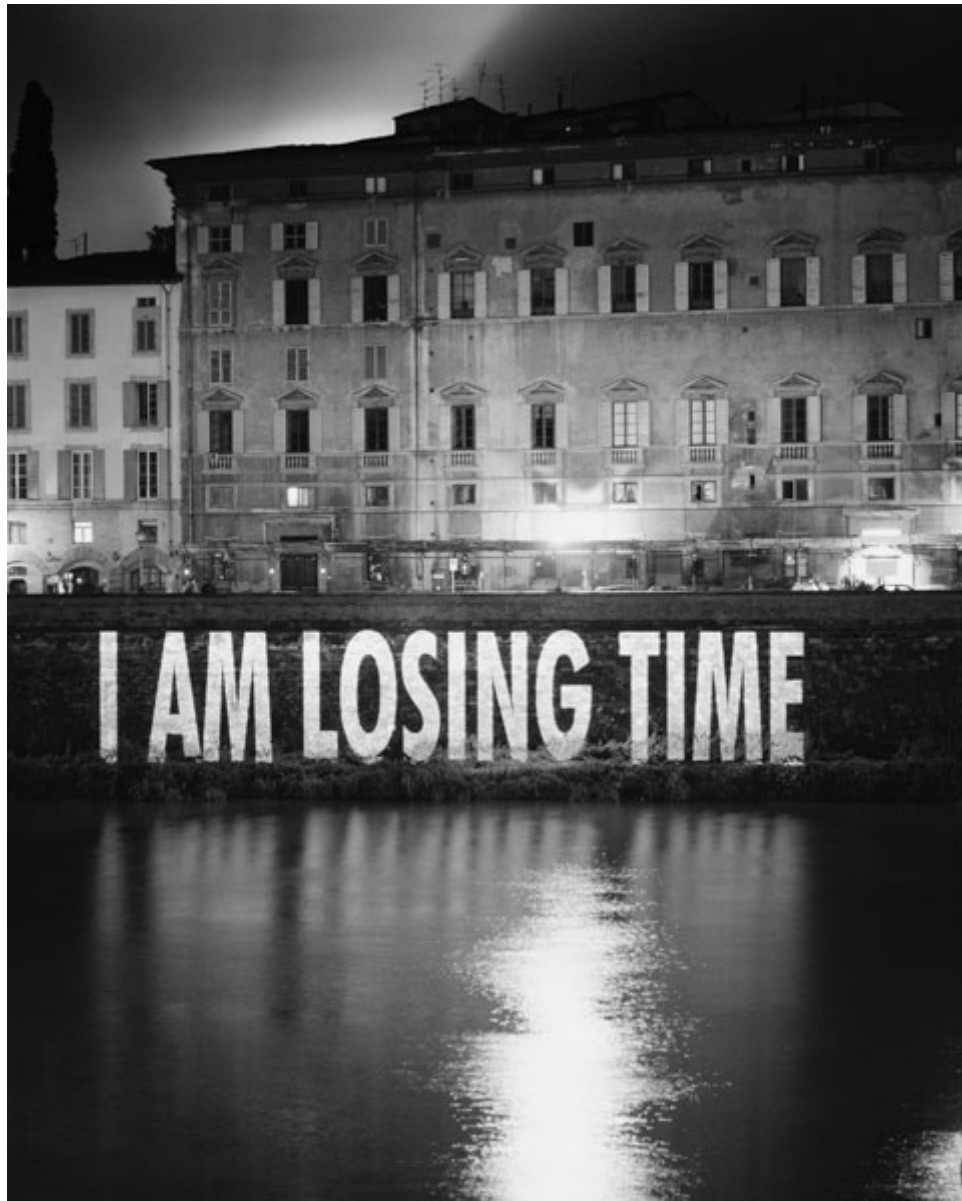
1984

Tubos de neon montados em 4 monolitos de metal

299,7 x 355,9 x 53,3 cm

Coleção Fukutake

Naoshima Museu de Arte Contemporânea, Kagawa, Japão



28. Jenny Holzer

I Am Losing Time

1996

Projeção realizada do dia 20 ao 22 de setembro de 1996 no Rio Arno, Palácio Bargagli,
Via de Bardi, Florença, Itália



29. Jenny Holzer

Non Lo Sopporto

1996

Projeção realizada do dia 20 ao 22 de setembro de 1996 no Rio Arno, Palácio Bargagli,
Via de Bardi, Florença, Itália

If you're so successful, why do you feel like a fake?

30. Barbara Kruger

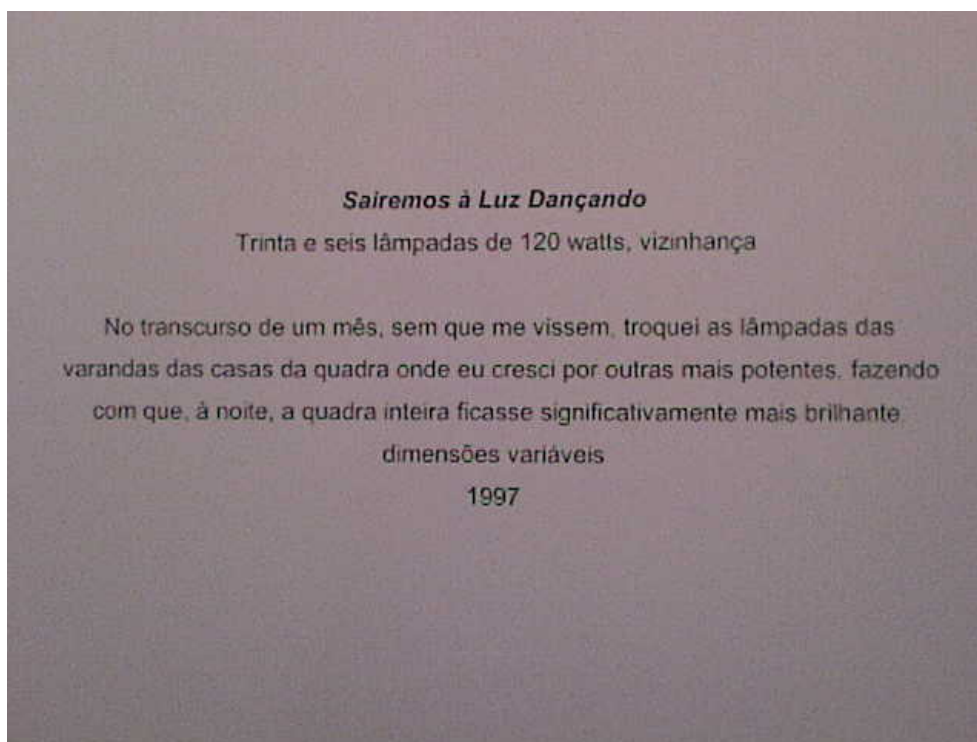
Sem título (If you're so successful, why do you feel like a fake?)

1987

Fotografia impressa em vidro espelhado

55,8 x 266,7 cm

The Broad Art Foundation, Santa Mônica, EUA



31. Dario Robleto

Sairemos à Luz Dançando

1997

Adesivo vinílico sobre parede

É possível tecer uma relação entre a motivação à prática artística (a de inconformidade) tanto nos trabalhos de Bruce Nauman, quanto nos trabalhos de Jenny Holzer e de Barbara Kruger. E é esta inconformidade que me motiva também. Quanto à forma de apresentação, a escolhida para a graduação segue de certa forma o exemplo do trabalho de Dario Robleto, por seu caráter sóbrio e simples, mas potente. Escolhi este tipo de apresentação de textos por encontrar na minha escrita um caráter que beira o sarcasmo, que caso fosse enfeitado demais, poderia vir a ser confundido com deboche. E também pelo poder de impacto visual presente na jaula, que somado aos textos já produzem apelo visual suficiente. Mas nada impede dos trabalhos futuros virem a ser apresentados com maior apelo visual, a exemplo dos trabalhos de Bruce Nauman, Jenny Holzer e Barbara Kruger. A seguir mostrarei e falarei sobre o trabalho desenvolvido para a conclusão do curso de artes visuais, composto de oito propostas escritas das quais 3 dialogam diretamente com a jaula que será exposta ao centro do espaço expositivo.

Posso tomar um pouco do seu tempo?

Que tal ficar preso nesta jaula, sozinho(a), por tempo indefinido, sem acesso a nenhum equipamento que possibilite a contagem do tempo ou atividade lúdica e sem nenhum controle sob seu encarceramento?

Dê uma chance de conhecer a si mesmo colocando seu auto-controle em teste nesta situação que fará você beirar o desespero!

Ao sair, você receberá um destes cartões abaixo.

32. Posso tomar um pouco do seu tempo?

2008

Texto impresso em papel fotográfico

30 x 40 cm

Seja Milionário!

**Não perca mais seu tempo e sua liberdade trabalhando para
juntar quantias monetárias insignificantes!**

Troque sua liberdade pelo sucesso financeiro definitivo!

**Ao entrar nesta jaula, você receberá este cheque na quantia
de R\$ 1.000.000,00 que permanecerá em sua posse por todo
o tempo em que você permanecer retido na jaula!***

* caso você deseje sair da jaula, deverá devolver o mesmo cheque que recebeu na entrada.

33. Seja Milionário!

2008

Texto impresso em papel fotográfico

30 x 40 cm

Se for para se sentir melhor, cuspa!

Proposta 1:

**Aproveite da indefesa situação de humilhação e submissão da
pessoa enjaulada ao lado.**

**Descarregue nela suas mágoas, seus rancores,
tudo que você tiver de ruim e negativo.**

Aproveite para insultá-la, golpeá-la e cuspi-la.

Há de se exteriorizar as energias negativas!

**A pessoa enjaulada não terá como revidar
e você voltará para casa ou trabalho
mais leve e de bem com a vida.**

34. Se for para se sentir melhor, cuspa! (Proposta 1)

2008

Texto impresso em papel fotográfico

30 x 40 cm

Se for para se sentir melhor, cuspa!

Proposta 2:

Venha você também participar deste ato de bondade e martírio pelos seus próximos!

Você se sentirá superior a todas as outras pessoas por se colocar em posição de tamanha dificuldade e nobreza.

E durante a agressão despejada em sua direção, você pode descarregar seu sentimento de autopunição, pensando no quanto realmente você merece tal castigo.

Aproveite para alimentar seu ego na proporção que somente o martírio proporciona!

Dê sua cara a tapa!

35. Se for para se sentir melhor, cuspa! (Proposta 2)

2008

Texto impresso em papel fotográfico

30 x 40 cm

Se for para se sentir melhor, cuspa!

Proposta 3:

Recolha este adesivo e cole em todos os lugares que você achar propício ou condizente.

Considere a impotência deste ato como uma simples demonstração de inconformidade e desgosto.

Ao encontrá-lo na rua, seja um adesivo colado por você ou não, caso você compartilhe de tal inconformidade, cuspa!

A soma dos cuspes depositados sobre o local onde está colado o adesivo, fará uma marca que demonstrará à pessoa que o colou, que ela não está só.

Enquanto que o estabelecimento onde o adesivo for colado terá consciência de que há inconformidade e desgosto depositados no local.

36. Se for para se sentir melhor, cuspa! (Proposta 3)

2008

Texto impresso em papel fotográfico

30 x 40 cm

Emagreça ficando pobre!

Pare de gastar dinheiro com má alimentação!

**Corte os refrigerantes, os salgadinhos, os docinhos, os bolinhos,
a picanha na brasa, o lombinho no forno, o salmão na chapa...**

Doe seu dinheiro para uma instituição de caridade.

A subnutrição é o melhor remédio contra a gordura localizada!

37. Emagreça ficando pobre!

2008

Texto impresso em papel fotográfico

30 x 40 cm

Você se considera uma pessoa assaltável?

Teste seu nível de assaltabilidade!

Em primeiro momento, vista-se da pior maneira possível e caminhe em locais e horários de sua escolha (de preferência de variados tipos).

Depois vista-se da melhor forma possível e percorra os mesmos lugares nos mesmos horários percorridos anteriormente.

Converse com seus amigos que compartilharam desta ação e descubra quem é o mais assaltável entre vocês.

38. Você se considera uma pessoa assaltável?

2008

Texto impresso em papel fotográfico

30 x 40 cm

Você se considera uma pessoa estuprável?

Teste seu nível de estuprabilidade!

Em primeiro momento, vista-se da pior maneira possível e caminhe em locais e horários de sua escolha (de preferência de variados tipos).

Depois vista-se da melhor forma possível e percorra os mesmos lugares nos mesmos horários percorridos anteriormente.

Converse com seus amigos que compartilharam desta ação e descubra quem é o mais estuprável entre vocês.

39. Você se considera uma pessoa estuprável?

2008

Texto impresso em papel fotográfico

30 x 40 cm

**O termo “fumante mal-educado”, por si só
já não é redundante?**

**Caminhe em um local de sua escolha, com a finalidade de contar
o número de baganas encontradas jogadas no chão
por metro percorrido.**

40. O termo “fumante mal-educado”, por si só já não é redundante?

2008

Texto impresso em papel fotográfico

30 x 40 cm

E o termo “fumante irresponsável”?

E o termo “fumante incoseqüente”?

41. E o termo “fumante irresponsável”? E o termo “fumante incoseqüente”?

2008

Texto impresso em papel fotográfico

30 x 40 cm

Admita sua condição:

**Em dia de eleição, vá votar vestido
de palhaço!**

42. Admita sua condição: Em dia de eleição, vá votar vestido de palhaço!

2008

Texto impresso em papel fotográfico

30 x 40 cm



43. Jaula

2007

Barras e chapa de aço soldadas

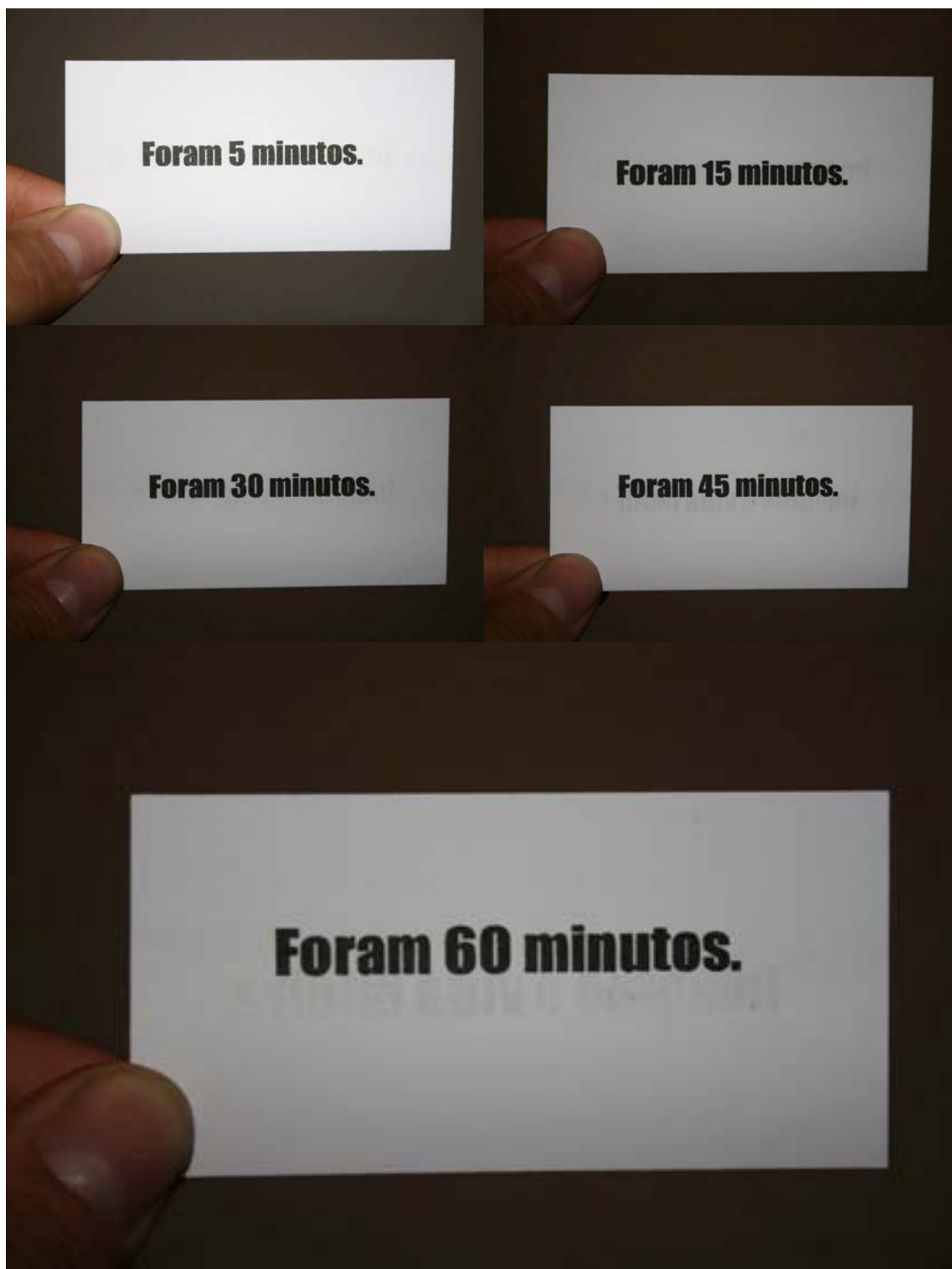
70 x 70 x 190 cm



44. Registro do auto-teste do trabalho “Posso tomar um pouco do seu tempo?”

2007

Realizado no dia 14 de dezembro de 2007, na Sala de Fôrmas do Instituto de Artes da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



45. Cartões do tempo tipo 1 (frente): Foram 5, 15, 30, 45 e 60 minutos.

2008

Impressão sobre papel

9,5 x 4,6 cm

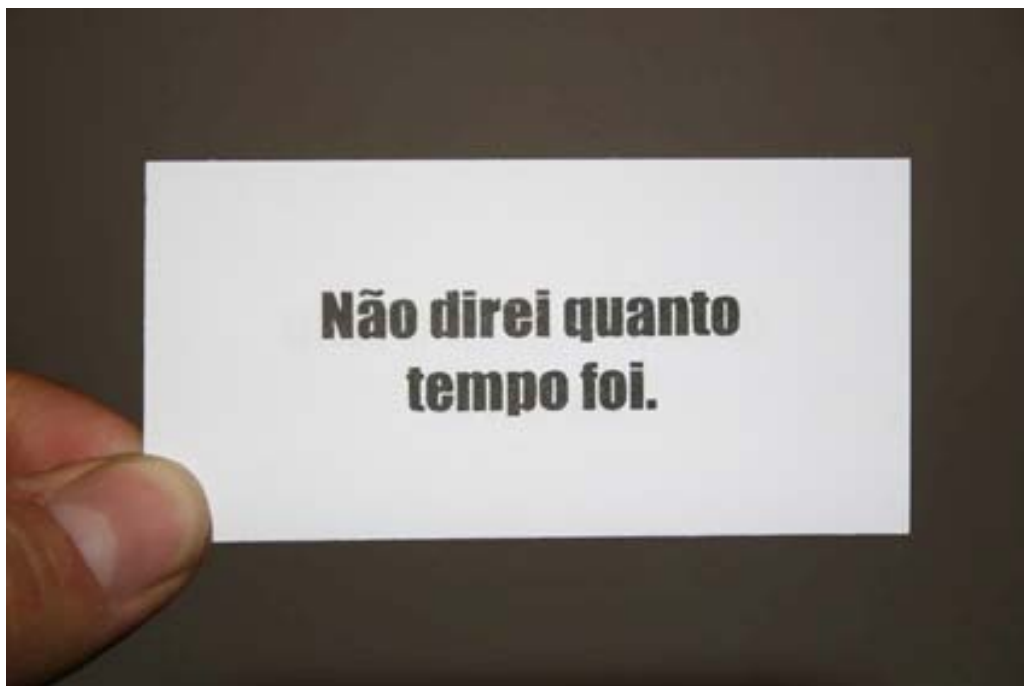


46. Cartões do tempo tipo 1 (verso): Imagine a vida inteira.

2008

Impressão sobre papel

9,5 x 4,6 cm

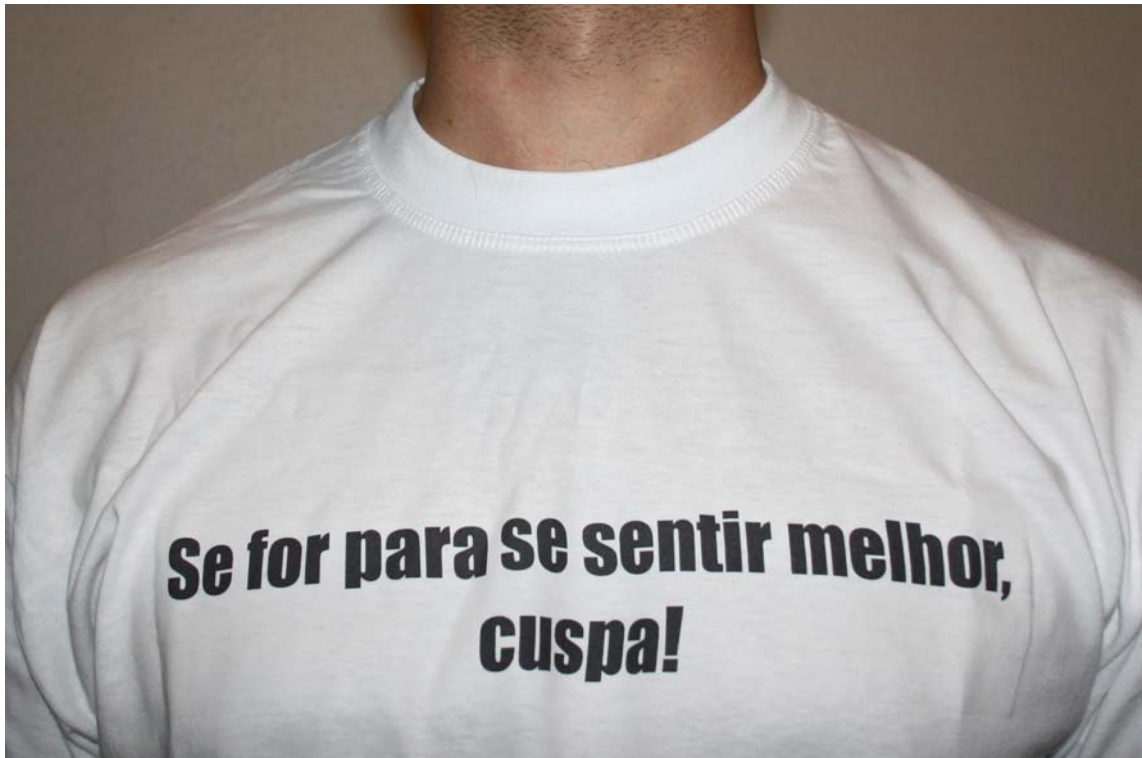


47 e 48. Cartões do tempo tipo 2 (frente e verso)

2008

Impressão sobre papel

9,5 x 4,6 cm



49 e 50. Camiseta: Se for para se sentir melhor, cuspa!

2008

Impressão sobre tecido

Dimensões variadas (tamanhos P, M e G)

Se for para se sentir melhor, cuspa!

51. Adesivo: Se for para se sentir melhor, cuspa!

2008

Impressão sobre papel colante

19 x 2,3 cm

Comp. 010 Banco 104 Agência 0454 C1 4 Conta 01018745-0 C2 2 Série AAA Cheque nº 900055 C3 0 | R\$ 1.000.000,00

Pague por este cheque a quantia de UM MILHÃO DE REAIS

centavos acima

ou à sua ordem

PORTO ALEGRE, 4 de DEZEMBRO de 20 08

CRISTIANO SCOTTA

CAIXA CHEQUE especial

INDEPENDENCIA
AV INDEPENDENCIA, 890
PORTO ALEGRE - RS

CRISTIANO SCOTTA
CPF 817.415.290-34 D.I. 2073971497 EMISSOR SSP /RS CLIENTE DESDE: 08/2004

900055 010 104 0454 4 01018745-0 2 AAA 900055 0

⑈10404542⑈ 0109000555⑈ 900101874501⑈

52. Cheque de 1 milhão de reais (Seja Milionário!)

2008

No projeto concebido inicialmente, a jaula ficaria exposta com a porta aberta em local de grande trânsito de pessoas (a exemplo da Esquina Democrática de Porto Alegre). Quando um observador se aproximasse significativamente da porta da jaula, um grupo de seguranças prendê-lo-ia, à força, dentro da jaula. Logo após prender a pessoa, estes seguranças sairiam do campo de visão da pessoa enjaulada, voltando apenas quando fossem soltá-la. A idéia era deixar a pessoa presa por 5 minutos. E ao soltá-la, não lhe dizer nada, apenas entregar-lhe um cartão do tipo cartão de visita, em branco em letra *impact* na cor preta escrito na frente: “Foram 5 minutos” e no verso: “Imagine a vida inteira.”.

Posteriormente, cheguei à conclusão que o trabalho era agressivo demais e que cinco minutos para quem não tem idéia do que está acontecendo é muito tempo. Uma alternativa mais possível seria de adequar esta instalação a um espaço expositivo, onde as pessoas teriam maior capacidade de compreensão da ação como sendo parte de um trabalho artístico. Surgiram alternativas mais amenas também, onde a porta da jaula fechar-se-ia por um mecanismo de sensor de presença, acionado quando a pessoa entrasse por conta própria na jaula. Ou de usar de um mecanismo tele-acionado, como um controle remoto. Ou até simplesmente a porta trancar-se quando a pessoa a fechasse, como em portões de condomínios residenciais. No entanto, todas estas alternativas não me livrariam de um possível processo judicial posterior. Preocupado com esta conseqüência, decidi alterar o projeto de forma a obter autorização das pessoas que serão presas, mesmo que tal alteração resulte em mudar o propósito inicial do trabalho. O conhecimento e consentimento do participante, ao mesmo tempo em que restringe as conexões possíveis da experiência inicial, dá ênfase para outro campo: o da auto-reflexão. Em busca de direcionar de alguma forma a reação do público dentro destes novos parâmetros, o ambiente onde a jaula estaria, seria isento de qualquer artigo decorativo e permaneceria com todas as aberturas fechadas, isolando o participante de tudo que houvesse fora deste ambiente. A única informação explícita ao participante seria da frase: “Conhece-te a ti mesmo?” escrita em uma das paredes. Nesta proposta de trabalho, cinco minutos seria pouco tempo. Precisar-se-ia tempo suficiente para a permanência na jaula tornar-se desconfortável. Este tempo deveria ocorrer no intervalo entre o sentimento de indiferença e o limite anterior ao máximo controlável das necessidades físicas básicas (comer, urinar, defecar e dormir) (pensei em pré-estabelecer estes períodos de encarceramento em cinco, quinze, trinta, quarenta e cinco e sessenta minutos). Ao sair da jaula o participante receberia um cartão

contendo o tempo que ele esteve encarcerado seguido da frase “Imagine a vida inteira.” no verso.

As ações não foram realizadas, a não ser por poucos testes feitos logo concluída a confecção da jaula. Agora, ao invés de buscar pessoas para tornar real minha proposta de aprisionamento, apresentarei a jaula e os cartões no espaço da galeria possibilitando ao público realizá-la em sua imaginação. Sob estes novos parâmetros, os cartões continuam existindo, e o observador pode recolhê-lo e levá-lo consigo para refletir o assunto onde e quando quiser.

Todas estas propostas escritas dividem espaço entre si e algumas utilizam desta mesma jaula como uma espécie de “facilitador imaginativo”.

Nos trabalhos “Posso tomar um pouco do seu tempo?”, “Seja Milionário!” e “Se for para se sentir melhor, cuspa!” a proposta sempre envolve em encarcerar voluntários (um por vez), restringindo-os ao espaço disponível nesta jaula de dimensões externas de 70 x 70 x 190 cm. Além da restrição espacial, este participante não teria controle sobre o tempo que permaneceria retido, nem teria acesso a qualquer equipamento que possibilite a contagem do tempo ou atividade lúdica.

No caso do “Posso tomar um pouco do seu tempo?” o enfoque é o teste de auto-controle, com a intenção de auto conhecimento, do qual o participante apenas decidiria participar, participaria e depois receberia um cartão com o tempo em que permaneceu retido. E a partindo dessa ação, eu poderia registrar a ação de alguma forma, com filmagem e fotografia durante a ação e fazendo entrevistas com os participantes após o término de sua participação no trabalho, assim como poderia inclusive solicitar ao participante prestar um depoimento escrito ou filmado, para usar desse material para refletir a ação e, a partir disso, buscando aprofundar-me e desenvolver consistência nesta linha de trabalho. Para a exposição utilizando dos enunciados apenas, desenvolvi um outro cartão, a modelo dos cartões com o tempo da permanência do participante, mas com a diferença de não informar o tempo permanecido, ao invés disso as frases de frente e verso respectivamente são: “Não direi quanto tempo foi.” e “Mas imagine a vida inteira.”.

No caso do “Seja Milionário!” a proposta inicial era de funcionar em uma rua ou avenida com grande tráfego de transeuntes. No caso de Porto Alegre, funcionaria bem na Esquina Democrática (cruzamento da Av. Borges de Medeiros com a Rua dos Andradas). Este trabalho envolveria algo que se aproximasse mais de uma campanha publicitária, com cartazes, propagando uma oportunidade de enriquecer que provavelmente fosse a única na vida de muitos, senão de todos os passantes. Onde em troca de sua liberdade, o participante

receberia um cheque na quantia de um milhão de reais, que permaneceria com ele até o momento em que o mesmo decidisse deixar de participar do trabalho, saindo da jaula. A frase carro-chefe da campanha seria “Seja Milionário!”, e junto à jaula estaria um cheque assinado na quantia de um milhão de reais. A pessoa que desejasse tornar-se milionário teria apenas que assinar um termo concordando com algumas condições. Das quais seriam que esta pessoa, para tornar-se milionária, teria necessariamente que ficar enjaulada. Ela poderia fazer o que quisesse com o dinheiro, sem precisar prestar contas a qualquer entidade que não fosse a do governo. No entanto, este cheque só seria entregue após o aprisionamento, mantendo sempre relacionada a presença do valor monetário à ausência de liberdade. O tempo que cada participante ficaria retido dentro da jaula, estaria sobre total controle dos mesmos. A pessoa poderia sair quando quisesse, apenas teria que abdicar, devolver ou pagar uma quantia de um milhão de reais para o artista propositor. De forma a deixar de ser milionário e voltar para a mesma situação financeira da qual se encontrava anteriormente. Por mais que a quantia monetária nunca esteja de fato disponível para o usufruto do participante, este teria a consciência que portou esta quantia durante todo o período em que quis participar do trabalho, tornando-se milionário durante este período. Poderia ser desenvolvido um certificado inclusive, intitulado o participante como milionário durante o determinado período que o mesmo tivesse ficado retido.

No Caso do “Se for para se sentir melhor, cuspa!” o trabalho é dividido em três enunciados que propõem três propostas de mesmo nome mas com pequenas diferenças entre si. Nas propostas 1 e 2, o trabalho se baseia em um sentimento de auto-afirmação ou auto-promoção a partir da humilhação ou submissão do próximo. Usando o próximo como patamar, como degrau. A jaula funciona para garantir a segurança de quem venha a cuspir na pessoa enjaulada, da mesma forma como acontece normalmente quando alguém usa desse tipo de imposição de poder, do qual sempre está assegurado por algo que lhe possibilite tal imposição. Junto com o enunciado e com a jaula, estas duas propostas contam com uma camiseta branca contendo a frase “Se for para se sentir melhor, cuspa!” escrita em letra *impact* na cor preta que seria dada a quem decidisse entrar na jaula, como proposto pelo segundo enunciado. De maneira a não tornar a posição de cuspir muito inferior a de se colocar para ser cuspidor, evidenciei no enunciado o sentimento de superioridade provenientes deste tipo de ação onde o bem proporcionado não é direto, a exemplo da sensação de bem estar proporcionada pela ajuda ao próximo, como quando se dá esmola, por vontade própria, a um mendigo na rua. Desta forma, coloco em situação de crítica, tanto quem cospe quanto quem se prontifica a ser cuspidor. Já na proposta 3, do qual

é utilizado um adesivo com a frase “Se for para se sentir melhor, cuspa!” inserindo-o em lugares específicos, que representem uma fração geradora de revoltas ou somente inconformidade na sociedade como um todo ou no indivíduo particularmente. A exemplo da prefeitura, Palácio do Governo, Assembléia Legislativa, Foro, Delegacia de Polícia, Hospitais, Clínicas particulares e Postos Públicos de Saúde, Instituições de Ensino, privadas e públicas, Igrejas e Templos religiosos, parada de ônibus, ponto de táxi, estádios de futebol, *shoppings centers*, clubes etc). Nesta proposta, o ato de cuspir não é de quem exerce o poder e sim a resposta de quem lhe é imposto algum tipo de poder do qual não esteja satisfeito. Onde este ato representa a exteriorização de sua inconformidade, mesmo estando o executor ciente da impotência de sua ação. Junto a este ato estaria a ação de utilizar estas camisetas confeccionadas com a frase “Se for para se sentir melhor, cuspa!”, já utilizadas nas propostas 1 e 2, que entrariam como uma quarta proposta, que poderia vir inserida em formato de panfleto junto com a embalagem da camiseta, que poderia ser comercializada, doada ou adquirida por meio de troca, o que deve ainda ser repensado, aprofundado e estabelecido para a execução desta ação. Nesta quarta proposta, as camisetas seriam utilizadas em locais da escolha de quem as portasse, conforme a necessidade que cada um viesse a dar para tal ação, mas onde sempre fosse colocado ao portador ou ao leitor, uma situação de juízo. Poderia vir desde entrevistas de emprego e primeiros encontros com os familiares de um relacionamento amoroso até debates de candidatos de cargos públicos (como prefeitos, governadores e presidentes) ou simplesmente usá-la na rua, a fim de, apenas, passar a frase adiante.

As demais propostas: “Emagreça ficando pobre!”, “Você se considera uma pessoa assaltável?”, “Você se considera uma pessoa estuprável?”, “O termo “fumante mal-educado”, por si só já não é redundante?” (com seu anexo: “E o termo “fumante irresponsável”? E o termo “fumante inconseqüente”?)” e “Admita sua condição: Em dia de eleição, vá votar vestido de palhaço!” poderiam ser enquadradas em um outro grupo de proposições, por não usarem da jaula como recurso visual e por todas proporem ações que, para serem executadas, precisa-se deixar a área expositiva onde as mesmas se encontram. Mas todas as proposições envolvem algum tipo de crítica e de inconformidade com algum processo comum no meio urbano.

No “Emagreça ficando pobre!”, a intenção é de enfatizar o individualismo e egocentrismo embutidos na preocupação de emagrecer, considerando o quão pequeno é este problema em comparação à fome passada por enormes frações da população devido à escassez de recursos econômicos e impotência das iniciativas existentes para dar conta de

suprir tanta miséria. Está em foco também, a questão de imaturidade desta incapacidade de controlar os próprios impulsos que fazem a pessoa comer mais do que o que gostaria para manter-se na forma física que gostaria ou para manter-se saudável, embora desconsidere o fator genético, bastante influente em nosso tipo físico. Mas o trabalho não tem a intenção de insultar gratuitamente, nem à obesidade, nem à pessoa que deseja emagrecer, apenas quer fazer esta relação entre um impulso incontrolável que é alimentado pelo próprio indivíduo e a necessidade que passam, simultaneamente, tantas pessoas com a ausência do mesmo produto que, para tantos outros, produz efeito negativo devido à sua fartura.

Em “Você se considera uma pessoa assaltável?” e em “Você se considera uma pessoa estuprável?” a questão que busco levantar é a da cota de responsabilidade do indivíduo que passa por estas traumatizantes experiências que não estão alheias ou livres de acontecimento por nenhum de nós. A posição tomada não é a de que o indivíduo seja totalmente responsável, ou tenha total controle sobre o que vier acontecer em sua vida, mas que existe uma parcela de controle, da qual cabe uma série de ações e pensamentos que podem, no mínimo, diminuir as chances de tais acontecimentos desagradáveis ocorrerem. Ações tais como a de não depositar seu destino isoladamente na crença em uma entidade ou na sorte. Aliado à fé, ou independente de sua existência, ter cuidados para se colocar em condições de menor risco possível sem deixar de fazer as atividades que deseja ou precisa, cotidiana ou esporadicamente, realizar. Estes cuidados vão desde controle da vestimenta e do uso exagerado de adereços decorativos ostensivos (repensando a necessidade deles na auto-estima e bem estar), até conhecimento antecipado sobre a situação do local por onde pretende transitar, de forma a escolher trajetórias mais seguras. É fundamental lembrar que o assaltante, assim como o estupro, exerce um tipo de juízo ao escolher suas vítimas. Quais são seus critérios? Será que a polícia local não tem conhecimento de um procedimento padrão de tais delinquentes? Será que não seria pertinente ter conhecimento sobre este assunto? Será que a população não deveria ser instruída de forma a correr menor risco ao transitar em qualquer lugar, ainda mais nas ruas de sua cidade? Quando exponho este enunciado sugerindo uma ação absurda, como a de se colocar para ser assaltado ou estupro, não espero que alguém venha a realizá-las, embora eu não tenha nenhum controle sobre as ações e pensamentos do público. Talvez eu devesse colocar estas questões de forma mais explícita, facilitando esta relação entre a proposição literal (a de se colocar em risco de assalto e estupro) e a proposição subjetiva, que depende da interpretação do leitor.

Na proposta “O termo “fumante mal-educado”, por si só já não é redundante?” e seu anexo: “E o termo “fumante irresponsável”? E o termo “fumante inconseqüente”?”, a crítica levantada pode ser considerada mais leve ou superficial que as anteriores e talvez de certa forma o seja, mas igual é fruto de uma inconformidade que pode ser desenvolvida e trabalhada com fim de tomar forma e ser exposta de maneira compreensível, principalmente para o público ao qual a crítica se destina, no caso, a usuários de cigarros, charutos, cachimbos etc. E por agir em um estereótipo pré-estabelecido (os fumantes), tem semelhança com a proposta “Emagreça ficando pobre!”. Esta proposta é fruto de minha reflexão sobre quais os fatores que seriam influentes na decisão de uma pessoa a vir utilizar tais tipos de substâncias prejudiciais à saúde. Considerando que atualmente o conhecimento sobre os males causados pelo uso de tais substâncias é acessível (pelo menos em nosso meio), o usuário não poderia ser enquadrado como imaturo, mimado, irresponsável e inconseqüente? E considerando que ao utilizar estas substâncias, este fumante coloca, não somente para si, mas para todos que compartilharem do mesmo espaço que ele, os mesmos males, este ato não pode ser considerado como desrespeitoso e mal-educado? A sugestão de ação aqui proposta, a de contar o número de baganas encontradas no chão, é uma proposta literal, que não coloca a pessoa que a vier a executar em condições de risco e possibilita ao executor refletir sobre os motivos que levam as pessoas a jogarem essas baganas em via pública. E refletir se as características comportamentais responsáveis pelo uso de tais substâncias neste grupo de pessoas, não poderiam ser as mesmas que as faça jogar a bagana no chão, afinal, quem não se preocupa nem com a própria saúde, por que se preocuparia com a higiene urbana?

E por fim, na proposta “Admita sua condição: Em dia de eleição, vá votar vestido de palhaço!” a intenção não é a de fazer uma brincadeirinha ou rir da própria desgraça, até porque este palhaço não estaria feliz, assim como não é cômico o palhaço de Bruce Nauman no vídeo *Clown Torture*. Esta ação, em realidade, faz parte de uma série de ações que sempre quis realizar e que, por falta de fundamento, conhecimento ou coragem, nunca realizei. Para garantir minha segurança em sua execução, eu deveria estudar as leis pertinentes a esse assunto, para ter conhecimento das conseqüências que poderia ter que enfrentar. Do caso contrário, eu simplesmente poderia desviar a cara feia da polícia, caso me fosse necessário dar satisfação, dizendo que estava trabalhando em uma festa infantil da qual tive que sair às pressas para exercer meu direito de cidadão, ou qualquer desculpa que eu viesse achar pertinente, devendo serem pensadas anteriormente conforme a reação esperada. Imagino o poder crítico que teria se toda a população, ou ao menos uma parte

significativa dela (significativa a ponto de gerar alguma repercussão na mídia), viesse a executar esta proposta durante um dia de eleição. Ou se conseguisse passar a proposta para um grupo de amigos que compartilhassem desta inconformidade comigo, e aos poucos, esse número de pessoas aderissem a este ato de protesto. Seria uma crítica bastante forte ao nosso sistema de governo que por mais que não seja bem aceito pela maioria da população, nenhum avanço é realizado em tentativa de sua adequação para as necessidades da desse povo para a qual esta instituição existe para servir. Neste aspecto, esta proposta tem semelhança com a terceira proposta do trabalho “Se for para se sentir melhor, cuspa!”. O sentimento envolvido é o de inconformidade novamente, do qual, ciente da impotência da opinião ou ação individual, a proposição funciona apenas para exteriorizar, expor e compartilhar a inconformidade e desgosto.

CONCLUSÃO

Nas páginas anteriores tentei relatar minha trajetória do Instituto de Artes, como estudante de graduação, e minha trajetória anterior ao ingresso na universidade. Seguindo esta linha descritiva, caberia agora compartilhar do que planejo realizar a partir deste momento, além de refletir o que já foi feito. Neste processo de estudo realizado durante a graduação, no qual fui assolado por uma série de dúvidas e questionamentos do começo do curso, creio que aos poucos conseguirei elaborá-los e resolvê-los. Por enquanto o caminho encontrado foi o de partir destes questionamentos e inconformidades como motivo para a prática artística.

Considero um tanto hipócrita dizer que esta finalização de curso seja apenas o começo, considerando todo meu esforço para chegar até este ponto. No entanto, tenho consciência de que o caminho percorrido é muito pequeno diante do que ainda tenho a percorrer.

Tenho pela frente um trabalho longo e exaustivo. Pretendo aprofundar-me nesta linha de trabalho, envolvendo os enunciados, estendendo minha pesquisa, observando as afinidades do meu trabalho com o trabalho de outros artistas.

Tenho conhecimento de que devo refletir mais sobre a forma de colocação das minhas inconformidades e observações, de forma a conseguir tocar o público ao qual me dirijo, o que lê meus textos propositivos. Dentro dos questionamentos que me faço para atingir tal objetivo, pergunto: Como evidenciar o caráter crítico sem ser confundido com tentativa de polemizar gratuitamente? Para obter maior consistência em meu discurso e tomar um posicionamento de maior convicção eu considero fundamental um estudo aprofundado em psicanálise, do qual poderia continuar num trabalho de especialização ou mestrado. Poderia pensar em desenvolver o viés psicanalítico com o que Orwell chama de experiência estética, referentes à poética visual. Acredito que nesta pesquisa poderei criar padrões de comportamentos com maior fidelidade, fazendo observações mais pertinentes e desta forma, expressar melhor meu objetivo crítico.

Como objetivo imediato penso ser necessário aprimorar meu conhecimento dos programas de computador como Photoshop e Corel, de forma a ampliar minhas ferramentas, fator que certamente influenciará positivamente no resultado visual de meu trabalho. Darei maior atenção à forma de apresentação, utilizando de estudos da área de publicidade, propaganda e *marketing*.

Junto a isso, penso que terei mais tempo para repensar todas estas propostas colocadas aqui e outras que ficaram de fora, como “Troque seu cachorro por uma criança pobre!” (proposta pensada a partir da música Rock da Cachorra de Eduardo Dusek) que funcionaria de maneira semelhante à “Emagreça ficando pobre!”. Assim como as “Você vai morrer em um mês!”, “Quanto tempo você pretende viver?” e “Esperança Panfletada”, cada uma enfatizando uma crítica específica a algum padrão de comportamento ou pensamento. Havia também uma proposta chamada “Pise na grama.” que se diferenciava de todas as demais por ao invés de agir como crítica, como negação, esta proposta age diretamente em algum fator que considero ser positivo e importante para o bem estar de qualquer pessoa. Nesta linha de proposta, eu poderia trabalhar também com enunciados que propagassem mensagens positivas, fator que acredito que me traria maior bem estar que lidar com temas por vezes tão pesados. Claro que neste caso, minha preocupação será evitar a linguagem da auto-ajuda ou qualquer coisa parecida. E neste campo, minhas afinidades artísticas serão outras, a exemplo de Adriana Daccache e Élide Tessler.

Talvez seja necessário sugerir de maneira mais direta a reflexão que proponho. Mas se assim o fizer, como diferenciar meu trabalho de uma crônica ou artigo de jornal ou revista? Seriam estes meios possíveis de exposição de tais propostas? Como inseri-las?

Não está fora de intenção desenvolver e explorar o caráter didático do trabalho. Como de passar uma mensagem, na esperança de ser compreendido e talvez mudar a opinião de algum observador que não tivesse parado para refletir o assunto trabalhado nas proposições até então. A exemplo da opinião de Micol Assaël:

“As minhas obras nascem de intuições que, depois, são metabolizadas com os instrumentos que, de vez em quando, tenho à disposição. Procuo pôr o espectador em condições de provar uma experiência capaz de modificar a própria visão do mundo e de fazê-lo reagir. As situações de risco são aquelas que, com maior facilidade, põem em moto uma reação em quem as encontra. Não sei ainda quanto seja o caso de falar de inadequação do homem contemporâneo, ou melhor, creio que fazer a experiência de alguma coisa seja sempre uma ocasião para se perder e se achar de novo.”⁹

Nesta intenção de ser compreendido, tampouco deixo de estar muito longe da opinião de John Baldessari:

⁹ ASSAËL, Micol. Entrevista por Bartolomeio Pietromarchi in: <http://www.28bienalsaopaulo.org.br/participante/micol-assaël> : acesso em: 26 de novembro de 2008.

“Evocando seu abandono da pintura, no final dos anos 50, John Baldessari afirma isto: “Eu cheguei num estado de profundo desacordo com a arte em geral. Então eu me disse: por que não dar às pessoas o que elas compreendem melhor: a linguagem escrita e a fotografia? (...) Por que brigar? Por que não lhes dar tudo simplesmente o que elas desejam?”.”¹⁰

E entre pesquisas, idéias, reflexões, inconformidades, críticas, experimentos e vivências, poderei seguir um caminho saudável, tentando ser influenciado o mínimo possível pela “*profunda exacerbação do ego*”¹¹ como diagnosticado por Michel Zózimo como sendo parte dos sintomas associados à “*Síndrome de Manzoni*” , fator, que em minha opinião, é tão comum a todos do meio artístico.

¹⁰ FORAY, Jean-Michel. Artstudio nº 15, L’Art et les mots, pp. 44-55. In: ZÓZIMO DA ROCHA, Michel. *Endemias ficcionais e o discurso da arte como vetores da prática artística*. Porto Alegre: [s. e.], 2008. p. 156.

Leitura e tradução simultânea, por Maria Ivone dos Santos, gravada e transcrita por Michel Zózimo, Porto Alegre, Janeiro de 2008.

¹¹ ROCHA, Michel Zózimo da. *Bula do Notorium Magnificus 132mg – Droga de Artista*. In: *Endemias ficcionais e o discurso da arte como vetores da prática artística*. Porto Alegre: [s. e.], 2008. 166p.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Aracy A. *Arte para quê? : a preocupação social na arte brasileira, 1930-1970 : subsídios para uma história social da arte no Brasil* / Aracy A. Amaral. – 3ª. ed. – São Paulo : Studio Nobel, 2003. 435p.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*: tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

___. *A verdade e as formas jurídicas* / Michel Foucault, tradução Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais, supervisão final do texto Léa Porto de Abreu Novaes... et al. J. – 3ª. ed. – Rio de Janeiro : NAU Editora, 2003. 160 p.

___. *Estratégia, poder-saber* / Michel Foucault: organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta: tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. – 2ª. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. 396p.

HERKENHOFF, Paulo. *Cildo Meireles*. São Paulo : Cosac & Naify, 1999. 160p. : il.

NAUMAN, Bruce. Entrevistas. In: *Ação Educativa: Quinta Bienal do Mercosul: Caderno de Textos.: Curso de Formação de Mediadores*. Porto Alegre: [s. e.], 2005. pp.18-26.

ORWELL, George. 1984. 29ª Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003. 301p.

ROCHA, Michel Zózimo da. *Endemias ficcionais e o discurso da arte como vetores da prática artística*. Porto Alegre: [s. e.], 2008. 166p.

SALINAS, Raúl. *El problema carcelario*. 1ª ed. Buenos Aires, Capital Intelectual, 2006. 112p.

Catálogos e revistas:

BAERWALDT, Wayne. *Under the influence of Fluxus : An exhibition of printed textile multiples published by Editions Conz, Verona – Milan : Curated by Wayne Baerwaldt: Plug In Inc. / Catalogue essays by Wayne Baerwaldt, Henry Martin, Emmett Williams.* Winnipeg, Canadá. Hignell Printing Ltd. [s. e.], 1991. 63p.

CONCINNITAS: Arte, Cultura e Pensamento : Revista do Instituto de Artes da UERJ. Ano 8 – Vol. 1 – N. 10 – Julho 2007 / Jorge Luiz Cruz. UERJ – DEART. Rio de Janeiro, 2007. 160p.

NAUMAN, Bruce. *Bruce Nauman: Exhibition catalogue and catalogue raisonné / essays by Neal Benezra.* 1ª ed. Minneapolis, Walker Art Center, 1994, 393p.

Sites Consultados:

<http://apartilhadosensivel.blogspot.com/> acessado em 12 de novembro de 2008.

<http://www.barbarakruger.com> acesso em: 20 de novembro de 2008.

http://ww.broadartfoundation.org/artist_43.html acesso em: 20 de novembro de 2008.

<http://www.brucenaumann.com/> acesso em 9 de setembro de 2008.

<http://www.concinnitas.uerj.br/> acesso em: 29 de novembro de 2008.

<http://www.elidatessler.com.br> acesso em: 14 de setembro de 2008

<http://www.giabahia.blogspot.com/> acesso em: 18 de novembro de 2008.

<http://www.helioferenza.net> acesso em: 20 de outubro de 2008.

<http://www.jennyholzer.com/projections/florence1996/> acesso em: 16 de novembro de 2008.

<http://www6.ufrgs.br/escultura/> acesso em: 13 de outubro de 2008.

<http://www.28bienalsaopaulo.org.br/> acesso em: 26 de novembro de 2008.

ANEXO

Rock da Cachorra¹²

Composição: Eduardo Dusek

Troque seu cachorro
Por uma criança pobre
Sem parente, sem carinho
Sem rango, sem cobre
Deixe na história de sua vida
Uma notícia nobre...

Troque seu cachorro
Por uma criança pobre...

Tem muita gente por aí
Que tá querendo levar
Uma vida de cão
Eu conheço um garotinho
Que queria ter nascido
Pastor-alemão

Esse é o rock despedida
Prá minha cachorrinha
Chamada "sua-mãe"...

É prá Sua-mãe!
Esse é o rock despedida
Prá cachorra "Sua-mãe"...

Seja mais humano
Seja menos canino
Dê guarita pro cachorro
Mas também dê pro menino
Se não um dia desse você
Vai amanhecer latindo
Uau! Uau! Uau!

¹² Informações de autor e letra retiradas do site <http://www.lettras.terra.com.br> acesso em: 4 de setembro de 2008.